



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS**  
**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL**

**JOÃO LUIS JOSINO SOARES**

**ECONOMIA CRIATIVA COMO ESTRATÉGIA DE CONVIVÊNCIA COM O  
SEMIÁRIDO CEARENSE: O CASO DO ARTESANATO RENDA DE BILRO**

**FORTALEZA**

**2013**

**JOÃO LUIS JOSINO SOARES**

**ECONOMIA CRIATIVA COMO ESTRATÉGIA DE CONVIVÊNCIA COM O  
SEMIÁRIDO CEARENSE: O CASO DO ARTESANATO RENDA DE BILRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Rural da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Economia Rural. Área de concentração: Políticas Públicas e Desenvolvimento Rural Sustentável.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Irles de Oliveira Mayorga

Co-orientadora: Profa. Dra. Karla Patrícia Martins Ferreira

**FORTALEZA**

**2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Pós-Graduação em Economia Agrícola

---

- S655e      Soares , João Luis Josino  
              Economia Criativa como estratégia de convivência com o semiárido cearense: o caso do artesanato renda de bilro. /João Luis Josino Soares. – 2013.  
              91f. : il., color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Departamento de Economia Agrícola, Programa de Pós-Graduação em Economia Rural, Fortaleza, 2013.  
              Área de Concentração: Políticas Públicas e Desenvolvimento Rural Sustentável.  
              Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Irlles De Oliveira Mayorga.  
              Coorientador: Prof<sup>ª</sup> Dr.<sup>a</sup>. Karla Patrícia Martins Ferreira.
1. Identidade cultural. 2. Comercialização. 3. Apiques. 4. Município de Itapipoca-CE  
              I. Título.

---

CDD: 330

**JOÃO LUIS JOSINO SOARES**

**ECONOMIA CRIATIVA COMO ESTRATÉGIA DE CONVIVÊNCIA COM O  
SEMIÁRIDO CEARENSE: O CASO DO ARTESANATO RENDA DE BILRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Rural da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Economia Rural. Área de concentração: Políticas Públicas e Desenvolvimento Rural Sustentável.

Aprovado em 15 / 02 / 2013

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Irlés de Oliveira Mayorga (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Karla Patrícia Martins Ferreira (Co-orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Kilmer Coelho Campos  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Dr. Ruben Dario Mayorga Mera  
Membro externo

A todos os moradores da comunidade Apiques, que sempre com muita hospitalidade e carinho demonstram disposição em contribuir com as pesquisas desenvolvidas pela Universidade Federal do Ceará. Em especial a todas as mulheres rendeiras, que no trançar dos bilros encontram prosas divertidas, ocupação e uma riqueza cultural imensurável.

*Dedico.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todos os dias vividos e vencidos, pelos dias de estudos, pelas amizades conquistadas, pela força e perseverança confiadas nesta etapa da minha vida.

Aos professores do Mestrado em Economia Rural, que contribuíram para a minha formação acadêmica.

Em especial, à professora Dra. Maria Irles de Oliveira Mayorga pela honrosa orientação, por ter acreditado no potencial deste estudo e pelo constante estímulo e dedicação.

À professora Dra. Karla Patrícia Martins Ferreira, pelas valiosas contribuições a este estudo, ao apoio paciente e encorajador às minhas idas ao campo.

Ao Professor Dr. Kilmer Coelho Campos, pela disposição em contribuir na execução deste trabalho.

Ao Professor Dr. Ruben Dario Mayorga Mera, pelas relevantes reflexões sugeridas na composição deste estudo.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de financiamento, através da bolsa de estudos durante o curso.

Aos meus pais pelo amor e apoio incondicional dado para a complementação de meus estudos e minha vida profissional.

Aos meus irmãos Aline, Luis Ricardo e Denise pelo sentimento de união e apoio, apesar de nossas diferenças.

A todos e todas da comunidade Apiques que sempre me receberam em suas casas para prosas e conversas com muito amor e hospitalidade, especialmente a Natália e sua família pelo acolhimento em sua morada durante os dias que estive pesquisando. Eu aprendi muito a cada dia.

Ao Programa Residência Agrária da Universidade Federal do Ceará, em que expressei minha gratidão através da Professora Dra. Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, por permitir a minha participação no PRA e creditar valiosas experiências e vivências em minha vida.

A professora Alba Crisóstomo, Vilenilza Calado e Beatriz Silva da Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará pelo apoio dado à participação das rendeiras nos eventos UFC de Cultura e Encontros Universitários.

Aos grandes amigos que descobri e cultivei durante o mestrado, colegas de turma que fizeram deste momento algo especial e inesquecível. Especialmente a Diana Cajado por

ser minha companheira diária nos abraços e ligações, pela sintonia inexplicável e por me apresentar as rendeiras da comunidade Apiques, a Soraia Madeira pelos risos, choros, apoio e companhia e Juan Fernando por ser meu grande amigo em todos os momentos. Vocês são os melhores!!!

À minha tia Di, pelas palavras de conforto, estímulo e por sempre acreditar em meu potencial.

Ao Rafael Domingos, meu companheiro paciente de todas as horas. Pelas contribuições através das leituras de meus textos acadêmicos, artigos, dissertação, por se envolver em minha pesquisa e em minha vida com tanto amor e dedicação!!

Às amigas, Márcia e Jamile por serem o meu refúgio e ouvidos em cada momento que precisei. A amizade de vocês é muito preciosa pra mim.

Ao amigo Carlinhos, amigo que posso contar em todas as horas, por sua alegria, conversas, risos e hospitalidade.

## Renda da terra

“É como a trama da renda da terra,  
Que a rendeira rebate e retorce e  
pontilha os espinhos,  
Na ânsia de endurecer a graça  
petulante de uma traça,  
no afã de alinhar mais o trocado  
do ponto de filó,  
e sai tão fina, tão delicada,  
tão perfeita,  
que vocês, meus irmãos do Sul,  
mandam buscá-la aqui, na  
barraquinha anônima das várzeas,  
para ostentá-la, depois,  
no meio do seu luxo...”

(Rachel de Queiroz)



## RESUMO

Por intermédio do caso das rendeiras da comunidade Apiques, no assentamento Maceió – Município de Itapipoca-Ceará – este estudo tem o objetivo de analisar aspectos culturais e econômicos da renda de bilro, trabalho realizado por mulheres camponesas como forma estratégica de convivência com o semiárido. Em uma abordagem qualitativa e quantitativa, foram utilizados dados de origem primária coletados durante vivências realizadas juntamente às rendeiras e empregadas com a aplicação de oficina em formato de roda de conversa, formulários e entrevistas previamente elaborados para atingir aos objetivos propostos deste estudo. As artesãs desempenham trabalhos agrários nos períodos em que concentram a quadra chuvosa e não agrários, em que aliam em seu cotidiano as atividades domésticas e a renda de bilro, esta sendo desempenhada de duas formas: individualmente e por grupo de mulheres rendeiras. No que concerne ao ciclo produtivo da renda na comunidade, tem-se que a produção está diretamente relacionada às variações climáticas do local. Quanto à distribuição das peças, existe uma deficiência, caso este percebido na dependência de atravessadores, que são os canais de venda atuais, mas não proporcionam tanto ganho na venda das peças. Outro fator é o não conhecimento do mercado consumidor, fato este ensejado pela distância dos principais centros turísticos e a informalidade que a atividade tem para a comunidade. Apesar de ganhos anuais baixos, a atividade demonstra rentabilidade econômica, comprovando lucratividade para as rendeiras que a desenvolvem. A renda de bilro mantém características de sua origem em que mulheres se sentam à almofada para produzir artesanalmente cada peça. Fazem-se necessárias a identificação de novos canais de comercialização e a criação de uma entidade local que seja capaz de manter maior volume produtivo e poder de negociação, bem como o estímulo de capacitações específicas da gestão, liderança e estudos de mercado. Portanto, com a difusão da Economia Criativa, surge um novo pensamento econômico das atividades, levando em consideração a base na riqueza cultural das localidades no Brasil.

**Palavras-chave:** Economia Criativa. Convivência com o semiárido. Identidade cultural. Renda de bilro. Comercialização. Apiques, município de Itapipoca-CE.

## ABSTRACT

Through the case of tenants from Apiques community, the settlement in the city of Maceió, Itapipoca-Ceará, this study aims to analyze the economic and cultural aspects of bobbin lace made by rural women as a strategic way of living in the semiarid. In a qualitative and quantitative approach, it was used a data collected during primary origin experiences carried along to tenants and employees by applying a round of conversation workshop, interviews and pre-designed forms to achieve the proposed objectives of this study. The craftswomen perform agricultural work in the rainy season periods and focus not on land that combine time in their daily household chores and bobbin lace, is being performed in two ways: individually and collective group of women lace makers. Regarding the production cycle in the community, it has been directly related to climate variations, such the distribution of the handicraft a disability is perceived, the dependence of middlemen who are the current sales channels, but not provide much gain on the sale of the handicraft. Another factor is the lack of knowledge by consumer market, which is generated by the distance of the main tourist centers and the informality that the activity has to the community. Despite lower annual earnings, this economic activity demonstrates profitability, proving profitability for craftswomen that develop this work. The bobbin lace retains characteristics of its origin where women sit to the pad to produce each piece by hand. It is necessary to identify new market channels and create a local entity able to maintain higher production levels and bargaining power, as well as the stimulation of specific capabilities of management, leadership and market studies. Therefore, with the spread of the Creative Economy emerges a new economic thinking activity taking into consideration the cultural richness basis on the sites in Brazil.

**Keywords:** Creative Economy; living with semiarid; cultural identity; bobbin lace; commercialization; Apiques, municipality of Itapipoca-CE.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – Localização do município de Itapipoca no Estado do Ceará.....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 2 – Banner ciclo produtivo da renda de bilro .....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 3 – Cartaz convivência com semiárido .....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 4 – Rendeiras em atividade.....</b>	<b>48</b>
<b>Figura 5 – Rendeiras em exercício individual da atividade.....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 6 – Encontro de rendeiras do Grupo Mulheres em Ação .....</b>	<b>52</b>
<b>Figura 7 – Encontro de rendeiras nas residências .....</b>	<b>53</b>
<b>Figura 8 – Ciclo produtivo da renda de bilro na comunidade Apiques.....</b>	<b>54</b>
<b>Figura 9 – Moldes de renda de bilro em papelão.....</b>	<b>56</b>
<b>Figura 10 – Rendeiras no Congresso Brasileiro de Agroecologia 2011.....</b>	<b>61</b>
<b>Figura 11 – Rendeiras no Festival UFC de Cultura 2012.....</b>	<b>61</b>
<b>Figura 12 – Rendeiras nos Encontros Universitários (UFC) 2012 .....</b>	<b>62</b>
<b>Figura 13 – Rendeiras em momento de roda de conversa .....</b>	<b>65</b>
<b>Figura 14 – Rendeira com a filha criança à almofada.....</b>	<b>66</b>
<b>Figura 15 – Rendeira com a filha jovem em atividade .....</b>	<b>66</b>
<b>Figura 16 – Relação atividade renda de bilro na convivência com o semiárido .....</b>	<b>68</b>
<b>Gráfico 1 – Estado civil das rendeiras.....</b>	<b>44</b>
<b>Gráfico 2 – Frequência escolar das rendeiras.....</b>	<b>45</b>
<b>Gráfico 3 – Realização de trabalhos agrários e não agrários .....</b>	<b>47</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 – Distribuição de frequência da idade das entrevistadas .....</b>	<b>43</b>
<b>Tabela 2 – Distribuição de frequência da escolaridade das entrevistadas .....</b>	<b>45</b>
<b>Tabela 3 – Formas de organização renda de bilro na comunidade.....</b>	<b>53</b>
<b>Tabela 4 – Receita e custos da renda de bilro .....</b>	<b>70</b>
<b>Tabela 5 – Indicadores de rentabilidade da renda de bilro.....</b>	<b>72</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1.1 O Problema e sua importância</b> .....	13
<b>1.2 Hipótese</b> .....	15
<b>1.3 Objetivos</b> .....	15
<i>1.3.1 Objetivo geral</i> .....	15
<i>1.3.2 Objetivos específicos</i> .....	15
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	17
<b>2.1 Contextualização de Economia Criativa</b> .....	17
<i>2.1.1 O artesanato</i> .....	19
<i>2.1.2 O passo histórico da renda de bilro e sua importância na cultura cearense</i> .....	21
<b>2.2 Pluriatividade como estratégia de desenvolvimento local e convivência com o semiárido</b> .....	23
<b>3 MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	26
<b>3.1 Área geográfica de estudo</b> .....	26
<i>3.1.1 Justificativa da área geográfica de estudo</i> .....	28
<b>3.2 Área científica de estudo</b> .....	29
<i>3.2.1 Natureza e fonte de dados</i> .....	29
<i>3.2.2 Técnicas de pesquisa</i> .....	30
<i>3.2.3 Métodos de análise</i> .....	33
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	42
<b>4.1 Perfil das artesãs entrevistadas</b> .....	42
<i>4.1.1 Idade</i> .....	42
<i>4.1.2 Estado Civil</i> .....	43
<i>4.1.3 Escolaridade</i> .....	44
<i>4.1.4 Realização de atividades agrícolas e não agrícolas</i> .....	46
<b>4.2 A organização das mulheres na produção da renda de bilro</b> .....	47
<b>4.3 O ciclo produtivo da renda de bilro sob a ótica da Economia Criativa</b> .....	54
<i>4.3.1 O processo de criação da renda de bilro</i> .....	55
<i>4.3.2 A etapa produtiva da renda de bilro</i> .....	57
<i>4.3.3 A distribuição das peças de renda de bilro</i> .....	59
<i>4.3.4 O consumo da renda de bilro</i> .....	62

<b>4.4 A influência de atividade criativa desenvolvida na comunidade Apiques .....</b>	<b>63</b>
<b>4.5 A realidade econômica da renda de bilro na comunidade Apiques .....</b>	<b>70</b>
<i>4.5.1 Determinação da receita e dos custos .....</i>	<i>70</i>
<i>4.5.2 Determinação dos indicadores de rentabilidade .....</i>	<i>71</i>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICES A – FOTOGRAFIAS (Experiências do campo).....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICES B – FOTOGRAFIAS (Peças produzidas).....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICES C – FOTOGRAFIAS (Participação das rendeiras em feiras, encontros e exposições).....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICES D – VERSOS DO CAMPO .....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICES E – BANNER E CARTÃO CONFECCIONADOS PARA FEIRAS.....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICES F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE), APRESENTADO ÀS ARTESÃS DE RENDA DE BILRO, COMUNIDADE APIQUES, ASSENTAMENTO MACEIÓ, ITAPIPOCA/CE.....</b>	<b>90</b>
<b>APÊNDICES G – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS, APRESENTADO ÀS ARTESÃS DE RENDA DE BILRO, COMUNIDADE APIQUES, ASSENTAMENTO MACEIÓ, ITAPIPOCA/CE .....</b>	<b>91</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 O problema e sua importância

O artesanato, em seu contexto histórico, compreendia um trabalho essencialmente manual, atividade de lazer para a produção de objetos de riqueza na cultura popular, não correspondendo, necessariamente, a uma atividade econômica (PEREIRA, 1979). Com as mudanças nos tempos e nas relações de trabalho, muitos artesãos uniram-se, passando para um sistema de tarefa coletiva, com finalidade de reduzir custos, facilitar a comercialização e fortalecer a cadeia produtiva. Atualmente a atividade artesanal demonstra um ritmo de expansão acelerado e é estabelecida como atividade econômica de intenso potencial no que concerne à geração de emprego e renda (LEMOS, 2011).

No trabalho realizado de maneira artesanal, insere-se uma das mais ricas formas da expressão cultural e do poder criativo de um povo. Na maioria das vezes, compreende a história da comunidade mediante a representação e a reafirmação da sua autoestima. Atualmente, agrega-se ao caráter cultural o viés econômico, na perspectiva de propiciar impacto na inclusão social, geração de trabalho e renda e potencialização de vocações regionais (BRASIL, 2012a).

No Brasil, a atividade artesanal está ligada intensivamente aos fatores turísticos da localidade, podendo impulsionar o aspecto cultural. A ampliação do público intensifica a criatividade dos artesãos no que concerne à criação de peças como inovação de produto, havendo uma valorização das tradições locais, fazendo circular capital na região (COSTA, 2008).

A realidade encontrada entre o artesanato e o turismo deve levar em consideração, quando há aspectos negativos, a existência de várias dificuldades concretas vivenciadas pelos artesãos no Brasil. Tem como causas, segundo Pinho (2002), a “estereotipação dos produtos” e aumento quantitativo da produção, realidade em que se encontram, muitas vezes, artesãos não preparados para suportar essa ampliação produtiva.

De norte a sul do país, junto aos vendedores ambulantes ou nas feiras fixas e móveis, o conjunto de objeto é, em sua maioria, padronizado. Do barro ao tear, dos materiais reciclados às madeiras, entre diferentes matérias-primas e ofícios, os modelos, ditados pela massa que se abastece de tendências duvidosas, têm provocado resultados indiscriminadamente repetitivos, revelando a falta de competitividade, que embute (embuste!) a combinação de baixa qualidade e baixo preço. (PINHO, 2002, p. 171)

Com a realidade de uma considerável população no meio rural, apresenta-se na pluriatividade, ou seja, no incentivo de atividades não agrárias no meio rural, o desenvolvimento de outras atividades como complementação de renda. Canclini (2003) acentua que as deficiências da exploração agrária e o empobrecimento relativo dos produtos do campo impulsionam muitos povos a procurar na venda do artesanato o aumento de seus ganhos. Observa-se que concentram na produção de peças artesanais muitos jovens e mulheres, que, em decorrência da modernização da agricultura e da dificuldade de empregos, passaram a se dedicar a atividades não agrícolas dentro ou fora da propriedade, como forma estratégica de permanência em suas comunidades, fonte de ocupação e renda.

O estado do Ceará possui 184 municípios. Com essas dimensões e diversidades produtivas culturais, é possível perceber a presença da atividade do artesanato de renda em 31 municípios, o que representa 16,85% de sua totalidade (BRASIL, 2010b).

A renda de bilro possui uma característica produtiva muito forte no litoral oeste do território cearense, constando de uma atividade desenvolvida geralmente por mulheres destas comunidades, que, em virtude da ausência de empregos formais, mantêm a tradição de rendeira como forma de complementação da renda familiar e como fator ocupacional aliado, diversas vezes, com outras atividades, como a agricultura e dona de casa.

Portanto, dadas as limitações de emprego e da renda que caracterizam os municípios cearenses, inseridos no semiárido, comunidades como Apiques, no Município de Itapipoca, vem utilizando a renda de bilro como estratégia de convivência com as estiagens cíclicas, na busca de promover ocupação e renda para a comunidade, valorizando a cultura local.

O conhecimento das informações provenientes deste estudo pode ser importante para melhorar o desempenho da atividade artesanal como complemento da renda agropecuária, não somente na comunidade Apiques, mas em todos os municípios que utilizam o artesanato como fonte de renda complementar.

Assim, este estudo busca analisar aspectos culturais e econômicos intrínsecos à produção do artesanato renda de bilro, desenvolvido pelas mulheres da comunidade Apiques no Assentamento Maceió – Município de Itapipoca-Ceará.

Com a observação deste cenário, surgem alguns questionamentos em relação a aspectos capazes de perceber a dinâmica na produção do artesanato renda de bilro na comunidade.



- Qual o perfil das rendeiras de bilro na comunidade Apiques?
- Como se desenvolve o ciclo produtivo do artesanato renda de bilro na comunidade Apiques – Assentamento Maceió?
- Qual a importância do artesanato renda de bilro para a identidade cultural da comunidade da Apiques – Assentamento Maceió?
- Qual a participação da mulher nas organizações sociais e produtivas do artesanato renda de bilro?
- Quais fatores determinam a existência de produção individual e coletiva do artesanato?
- Quais aspectos sociais e econômicos são capazes de proporcionar a geração de renda e ocupação laboral dos membros da comunidade Apiques – Assentamento Maceió?
- Que ações são voltadas ao estímulo da criatividade produtiva como alternativa de convivência com o semiárido?
- Qual a participação econômica do artesanato renda de bilro na renda familiar?

## **1.2 Hipótese**

A produção do artesanato renda de bilro por mulheres camponesas representa uma estratégia de convivência com o semiárido, valorizando a cultura local e promovendo ocupação e renda para a comunidade Apiques – Município de Itapipoca no estado do Ceará.

## **1.3 Objetivos**

### ***1.3.1 Objetivo Geral***

Analisar aspectos culturais e econômicos do artesanato renda de bilro realizado por mulheres camponesas, como estratégia de convivência com o semiárido, utilizando o caso da comunidade Apiques no município de Itapipoca no estado do Ceará.

### ***1.3.2 Objetivos Específicos***

- a) Traçar o perfil social das artesãs de renda de bilro na comunidade Apiques;

- b) Analisar a organização das mulheres na produção individual e coletiva da renda de bilro na comunidade Apiques;
- c) Descrever o ciclo de produção do artesanato renda de bilro sob a óptica da Economia Criativa na comunidade Apiques;
- d) Identificar fatores que influenciam atividades criativas desenvolvidas na comunidade Apiques;
- e) Analisar aspectos econômicos da atividade renda de bilro produzidas na comunidade Apiques.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

“O caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz, à tona, a dimensão desses afetos, porque, quando sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem com emoção, com sentimento e com paixão”.

(Guareschi)

### 2.1 Contextualização de Economia Criativa

A expressão Economia Criativa surgiu inicialmente na Austrália, no início da década de 1990, com base em um cenário de criação da política da “*nação criativa*”, em que decorreria uma compensação de forma justa atribuída ao exercício de trabalhos criativos, garantindo, mediante leis sobre direitos autorais com intuito gerador de crescimento econômico e partindo para o reconhecimento dos agentes inseridos nesse setor (REIS, 2007). Foi na Inglaterra, porém, que a expressão ganhou maior impulso e consolidação com o intuito de impulsionar a geração de riquezas por meio da criatividade (BLYTHE, 2001 *apud* BENDASSOLI et al, 2009).

Deheinzelin (2006) assinala que economia criativa é aquela que promove desenvolvimento sustentável e humano, abrangendo três núcleos de atuação – artes, produção de conteúdos criativos e de serviços criativos – com apresentação de um caráter inclusivo multidirecional capaz de ensejar impactos em outras atividades econômicas.

No Brasil, atualmente, a Secretaria de Economia Criativa, ligada ao Ministério da Cultura, chegou à seguinte definição: “*os setores criativos são todos aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento central da formação do preço, e que resulta em produção de riqueza cultural e econômica*”. A SEC especifica os setores criativos da seguinte forma: criações funcionais, expressões culturais e indústrias criativas. Tem-se como atividades criativas, entre outras, a produção de pintura, escultura, fotografia, artesanato, música, teatro, dança, circo, festejos, artesanato, cinema, TV, rádio, livros, revistas, jornais, redes sociais, games eletrônicos, *design*, móveis, arquitetura, publicidade dentre outras. O artesanato, portanto, está relacionado e identificado

nas expressões culturais, na ramificação de manifestações populares. Compreende em seu ciclo a criação, produção, distribuição e consumo de bens e serviços caracterizados pelo predomínio de uma dimensão simbólica (BRASIL, 2011).

Conforme a Secretaria de Economia Criativa, tem-se atualmente no Brasil, como desafio para a promoção de atividades criativas: o levantamento de informações e dados; articulação e estímulo ao fomento de empreendimentos criativos; educação para competências criativas, infraestrutura de criação, produção, distribuição, consumo de bens e serviços criativos e criação de marcos legais para os setores criativos (BRASIL, 2011).

Ultimamente, o assunto e as atividades que se utilizam da criatividade auferiram destaque como estratégia de desenvolvimento social, econômico e cultural, tudo isso como fator valorizador de tradições locais ou ainda como incentivo a empreendedores que se baseiam na nova economia do conhecimento e da inovação (UNCTAD, 2008).

Consoante dados da Organização das Nações Unidas – ONU, a Economia Criativa representa 10% do PIB mundial e a presente expansão dos produtos e serviços criativos mundiais teve crescimento a uma taxa média anual de 8,7%, segundo a UNCTAD (2008), em dados divulgados referentes aos anos entre 2000 e 2005.

Na perspectiva de Costa (2008), a lógica de mercado exposta por intermédio da Economia Criativa torna relevantes os estudos acadêmicos, com o intuito de proteger a produção cultural, a cooperação e acesso à cultura entre os povos, visando ocasionar fortalecimento das comunidades locais.

É pensando na inversão da ordem da indústria cultural como lógica de mercado que a Economia Criativa desponta no cenário acadêmico, discutindo formas de proteger a produção cultural com base comunitária; estimulando o debate sobre a organização dos grupos produtivos em regimes cooperativos; o acesso à cultura e difusão da diversidade dos povos; a produção e o consumo conscientes de bens que exploram a riqueza cultural dos povos em vias de fortalecimento (COSTA, 2008, p.56).

Com a transformação nos modos de produção, consumo e convivência social, tem-se no conhecimento e na criatividade uma base relevante e dinâmica.

As atividades artesanais no Brasil ocupam posição de destaque no âmbito cultural nos municípios. Os resultados obtidos apontam, em primeiro lugar, a existência de exposições de artesanato em 57,7% das cidades; seguem-se as feiras de artes e artesanato, com 55,6%; em terceiro, encontram-se festivais de manifestação tradicional popular, com 49,2%; festivais de música, com 38,7%; festivais de dança, com 35,5%, concursos de dança, com 34,8%; e de

música, com 31,9%, consoante dados do relatório Perfil dos Municípios Brasileiros (BRASIL, 2007).

Mesmo com indicadores demonstrativos da expressiva participação de atividades artesanais no território brasileiro, há a compreensão, segundo Santos (2007), de que a execução laboral do artesão ainda concentra parcela considerável de informalidade, caso este em que é exercido, na maioria das vezes, em suas residências e sem o amparo legal de uma empresa jurídica, o que requer grande dependência do apoio de órgãos e instituições para a sua estruturação.

Para Canclini (2003), o aumento de atividades informais aconteceu muitas vezes por consequência do êxodo rural, o que massificou a população nas grandes cidades, isso em razão da ausência de atividades agrárias, o que permitiu o surgimento de outras profissões ou novas opções de geração de renda.

Compreende que a economia criativa é uma importante forma de valorizar a identidade cultural local, bem como o reconhecimento das pessoas na própria cultura, caracterizando um elemento importante para desenvolvimento local.

### ***2.1.1 O artesanato***

O início do trabalho artesanal, consoante Pereira (1979), está inserido na própria origem do trabalho, uma vez que todas as manifestações artísticas desempenhadas pelos povos primitivos eram definidas como artes industriais, que, se utilizando de sua inteligência, desenvolviam com os recursos disponíveis e as habilidades intrínsecas o que era necessário para atender às necessidades de sua sobrevivência e de sua comodidade, criando um substrato tecnológico, cujas raízes se enlaçam nas bases da existência humana. Caracterizados num sistema de indústria doméstico, à época, surgiram núcleos ou comunidades em que se destacavam no desempenho de atividades específicas, como cerâmica, modelagem, fabricação de armas, construção de canoas etc.

No Brasil, a influência colonizadora europeia trouxe historicamente uma sociedade rural, dominada geralmente por latifundiários donos de engenhos e fazendas de gado, em que coexistiam pequenas propriedades embasadas numa economia de subsistência. Esta realidade proporcionou o desenvolvimento de uma indústria doméstica que tinha como base a produção manufatureira. Com mão de obra escassa, foram explorados grande fluxo advindo da escravidão africana trabalhadores capazes de cuidar e cultivar a imensidão de terra

dos seus proprietários. Assim, muitos negros aprendiam técnicas de trabalho artesanal e as utilizavam em seu cotidiano laboral. Tal realidade abalou o prestígio dos trabalhos manuais, ensejando uma forma de preconceito com quem as realizasse. As riquezas do Brasil estavam nas terras e minérios explorados. O artesanato era considerado, portanto, uma atividade secundária e exercida basicamente por escravos. Essa forma de trabalho foi capaz de possibilitar o desenvolvimento industrial no mundo moderno. Tem-se como atividades manuais pioneiras as dos tidos como oficiais mecânicos, que eram os carpinteiros, ferreiros, caieiros, telheiros, cavoqueiros, tanoeiros, oleiros, carvoeiros, caldeireiros, carreiros, canteiros, que vieram para o Brasil a mando de Portugal com o objetivo de adquirirem riquezas e retornarem às suas famílias (PEREIRA,1979).

Em consequência da inserção da atividade artesanal brasileira, tem-se a realidade cultural do artesanato cearense, segundo Lemos (2011), com sua essência na origem europeia e ameríndia e fortes influências afro-brasileiras, característica muito comum também em parte considerável do sertão nordestino. Ao longo do século XVII, com a introdução da cultura portuguesa no Ceará, foi possível perceber peças aplicadas e produzidas pelos povos indígenas habitantes do território do Ceará, com a tipificação forte de um diversificado artesanato confeccionado com vegetais, como cipó e carnaúba, bem como o domínio e a utilização de técnicas primitivas de tecelagem de algodão, incluindo o tingimento de tecidos com casca de aroeira. Com a da colonização, outras técnicas advindas das bases europeias foram acrescidas a esse suporte cultural, formando identidade na arte popular e o artesanato conhecido nacional e internacionalmente.

Com o crescimento acelerado da industrialização e a concorrência acirrada destes produtos, pode-se perceber, ao longo do tempo, que as peças artesanais são alvo de várias alterações em suas características. Vale ressaltar, porém, que o artesanato pode se tornar competitivo ao similar industrializado, quando mostra em suas peças a personalização, aspectos artísticos e culturais intrínsecos dentro de sua produção (FILGUEIRAS, 2005).

Tem-se no artesanato uma das formas de expressão cultural e poder criativo de um povo, inserindo fortemente a história da comunidade mediante a representação da sua auto-estima, quando promove geração de trabalho e renda, valorização das vocações locais e inclusão social (BRASIL, 2012)

Como base conceitual do artesanato, tem-se como expressa o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, conforme está no *Diário Oficial da União* (BRASIL 2010c):

Artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios.

Complementa-se, portanto, na mesma portaria do MDIC, que não compreendem artesanato os trabalhos realizados com montagem, com peças industrializadas e/ou produzidas por outras pessoas; lapidação de pedras preciosas; fabricação de sabonetes, perfumarias e sais de banho, exceto os produzidos com essências extraídas de folhas, flores, raízes, frutos e flora nacional; habilidades aprendidas em revistas, livros, programas de TV, dentre outros sem identidade cultural.

Para execução da atividade, tem-se o artesão que é (BRASIL 2010c):

O trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças.

Portanto, as atividades artesanais compreendem aquelas em que a finalização do produto depende em grande parte da habilidade do exercida pelo trabalhador. E, ao contrário de um produto globalizado ou de certa forma impessoal, tem-se no produto artesanal a personificação das diferenças culturais, capazes de imprimir a sensibilidade e o carinho como valores agregados ao produto finalizado (SANTOS, 2007).

Dessa forma, os elementos inseridos no artesanato trazem consigo a referência viva de um povo, contribuindo na produção de objetos distinguidos pela particularidade e diferença dado por parte de cada artesão ao emitir sentido ao seu trabalho na elaboração de uma identificação própria do artesanato local.

### ***2.1.2 O passo histórico da renda de bilro e sua importância na cultura cearense***

Com bases originárias de Portugal e a relevante influência indígena, há na cultura do artesanato o destaque para produção de redes, as diversas formas de bordados e os contornos trançados das rendas feitas em bilros, uma tradicional arte do estado do Ceará, desde, pelo menos, o século XVIII – talvez seja o maior destaque da produção artesanal cearense. As rendas possuem maior destaque e presença nas áreas litorâneas do estado,

enquanto nos demais municípios do interior é possível perceber com maior frequência o destaque dos bordados (LEMOS, 2011).

As rendas classificam-se em duas categorias, sendo diferenciadas pela forma como são produzidas e pelas características de materiais necessários em cada etapa de produção.

Nóbrega (2005) as caracteriza primeiramente da seguinte maneira:

Na primeira classe encontram-se aquelas produzidas com auxílio de bilros. O bilro é um pequeno instrumento constituído de uma curta haste em que uma das pontas apresenta uma terminação esférica. Na ponta oposta enrola-se uma quantidade de linha que é presa a um padrão que contém o desenho de renda a ser executada. Para se produzir um renda desse tipo se faz necessário trabalhar com vários bilros simultaneamente, que vão sendo embaralhados em um dado sentido e com isso vão se cruzando os fios presos a eles, fazendo a renda surgir gradativamente. A quantidade de bilros empregados varia de acordo com a complexidade da renda a ser confeccionada.

Na segunda classe estão as rendas que são confeccionadas com o uso de agulhas, que conforme Nóbrega (2005), são

As agulhas empregadas para a execução de alguma dessas peças artesanais são as mesmas utilizadas para a costura doméstica em geral, e são com elas produzidas a renda de renascença, o filé e o labirinto. Em outros casos utilizam agulhas especiais, como para a produção do tricô e crochê.

As bases históricas da renda de bilro constataam nas mulheres portuguesas, chegadas no período do Brasil Colônia, o marco de origem desta atividade, fato hoje considerado relevante em perceber a existência de rendeiras em diversas regiões do Brasil, com maior concentração onde esteve povo açoreano, realidade ocorrida nos estados do Ceará e Santa Catarina. Nos aspectos sociológicos a atividade se propagou em virtude dos espaços geográficos, que constavam áreas de isolamento cultural à época, ou pelo simples fato de ausência de trabalhos para preencher as horas sem ocupação. A maior ocorrência do trabalho das mulheres rendeiras se deu onde não havia indústrias instaladas ou ocupação nas lavouras; inicialmente desempenhada pelas mulheres mais pobres das comunidades, que geralmente eram esposas de pescadores, jangadeiros ou de trabalhadores braçais (MAYNARD, 1967).

Segundo Zanella, Balbinot e Renata (2000), ocorreu nesse processo histórico a modificação da atividade de tecer a renda de bilro. Esta era exercida, a princípio, com o intuito de produção de peças ornamentais de casas e igrejas, mas, com o passar do tempo e a realidade fragilizada da situação econômica das localidades, passou a ser percebida como



alternativa para complementação do orçamento familiar. Nessa transformação, a renda de bilro enquadra-se em um âmbito além das tradições e integra-se à cadeia de atividades econômicas das comunidades.

Atualmente, é possível constatar a presença da atividade de renda em 31 municípios cearenses, o que representa aproximadamente 17% do território do estado, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (BRASIL, 2010b). A maior concentração de rendeiras está nos Municípios de Aquiraz, Aracati, Beberibe, Itapipoca, Acaraú e Trairi (LEMOS, 2011).

Costumeiramente, o ofício de rendeira é executado nas residências, de forma não assalariada, concentrando mulheres associadas na arte do fazer renda dentro dos espaços das comunidades, acompanhadas com vizinhas ou parentes que se unem com o propósito de distração e no exercício ocupacional da atividade (MAYNARD, 1967).

## **2.2 Pluriatividade como estratégia de desenvolvimento local e convivência com o semiárido**

O estado do Ceará está localizado no Nordeste brasileiro. Tem como capital a cidade de Fortaleza, com área (km<sup>2</sup>) de 148.920,538, e uma população de 8.452.381 habitantes, sendo 6.346.557 pessoas residentes em áreas urbanas e 2.105.824 em áreas rurais, com uma densidade demográfica de 56,76 hab/km<sup>2</sup>. Divide sua área em 184 municípios. O Município sob estudo, Itapipoca, possui os climas tropical semiárido e tropical quente semiárido brando (BRASIL, 2010a).

No Brasil, a caracterização do clima tropical semiárido está relacionada basicamente pelo regime e quantidade de chuvas. A irregularidade e a concentração pluviométrica média anual estão em torno de 400 mm a 800 mm, em um curto período de três meses. Esta formação insere uma parcela relevante da região Nordeste brasileira. As atividades econômicas desenvolvidas nas regiões de identidade climática semiárida estruturam o consórcio gado-algodão-lavouras alimentares, e por atividades ligadas à agroindústria, à indústria e não agrícolas (BRASIL, 2009).

Segundo dados do Ministério da Integração Nacional, a área de semiárido atinge 969.589,4 km<sup>2</sup>, integrando aproximadamente 1133 municípios brasileiros (BRASIL, 2006).

Na última década, alguns programas de fomento do Governo Federal foram implantados para o semiárido, como o Programa Conviver<sup>1</sup> e, atualmente, o Programa Desenvolvimento Regional, Territorial Sustentável e Economia Solidária<sup>2</sup>, trazendo como referência a intenção da sustentabilidade e do desenvolvimento. Percebe-se, no entanto, que existem duas perspectivas, uma de combate à seca, em que mantém a implicação de domar a natureza, a seca e os efeitos dela, e a da convivência com o semiárido, em que busca aproveitar de forma sustentável as potencialidades locais com finalidade de satisfazer as necessidades humanas (SILVA, 2003).

Com esta realidade de existência de uma considerável população no meio rural, percebe-se a pluriatividade ou emergência de incentivar atividades não agrícolas no meio rural, o que permite que famílias de agricultores, ocupadas tradicionalmente em atividades agrícolas, possam desenvolver em sua localidade outras atividades como estratégia de complementação de renda, podendo vir por meio da prestação de serviços, venda da força de trabalho familiar, promoção do turismo rural, o artesanato (ANJOS 2003 *apud* MARAFON 2006).

Em consequência da industrialização da agricultura e da dificuldade de empregos em grandes centros, o que ocorre pela competitividade de qualificação, tem-se que uma parte dos membros das famílias residentes no meio rural passaram a se dedicar a atividades não agrícolas dentro ou fora da propriedade, muitas vezes sem sair de suas comunidades.

Essa forma de organização do trabalho familiar é denominada pluriatividade, referindo-se a situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas a terra ou animais, e cada vez menos executadas dentro da unidade de produção (SCHNEIDER, 2003).

À medida que se tem relações mais complexas e diversificadas entre agricultores e o ambiente social e econômico, esta interação das atividades agrícolas e não agrícolas tende a ser cada vez mais intensa. Esta realidade é capaz de fazer com que a pluriatividade seja um fenômeno ligado às estratégias sociais e produtivas que venham a ser adotadas pela família e

---

<sup>1</sup> Com o objetivo de contribuir para a diminuição das vulnerabilidades socioeconômicas dos espaços regionais com maior incidência de secas, a partir de ações que levam à dinamização da economia da região e ao fortalecimento da base social do semiárido, organizando a sociedade civil e promovendo a coordenação e a cooperação entre os atores locais (BRASIL, 2009)

<sup>2</sup> Pretende promover a ampliação da estratégia de ação regional/territorial do governo federal, que nos últimos anos ganhou fôlego e consistência para a ampliação das opções de geração de emprego e renda, tendo o território como protagonista do processo de desenvolvimento e respeitando-se as potencialidades e vulnerabilidades dos ecossistemas regionais (BRASIL, 2012b).

por seus membros, dependendo sempre do contexto ao qual está inserida (SCHNEIDER et al., 2006).

Em análise de regiões rurais em países como Estados Unidos, França, Austrália, entre outros, Schneider (2003) ilustra, em conformidade aos dados obtidos da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que, no intervalo dos anos de 1980 e 1996, as taxas de crescimento anual do emprego agrícola, na maioria desses países, mostraram-se negativas, enquanto a taxa de crescimento anual do emprego não agrícola exibiu positividade.

Com isso, nota-se a necessidade de valorizar trabalhos não agrícolas no ambiente rural como forma de manter as pessoas em sua cidade natal, bem como na óptica da pluriatividade. Segundo Fuller (1990), pluriatividade é a forma como a força de trabalho é alocada pelas famílias nos diferentes tipos de atividades, de onde emergem padrões individuais e coletivos de distribuição do trabalho rural agrícola e não agrícola.

A valorização da pluriatividade nas comunidades rurais potencializa o desenvolvimento local que, segundo Buarque (1999), consiste em um processo endógeno ligado a pequenas unidades territoriais e comunidades humanas capazes de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população, estando associado, normalmente, a iniciativas inovadoras e mobilizadoras da coletividade, em que há a articulação das potencialidades locais nas condições reais da comunidade.

Com estas iniciativas impulsionadoras das características produtivas da comunidade, tem-se no desenvolvimento local, conforme Casarotto (1998), um processo reativador da economia e dinamizador social, capaz de estimular o crescimento econômico, criar postos de trabalho e melhorar a qualidade de vida de uma comunidade.

Com efeito, trabalhar com o desenvolvimento local compreende, portanto, reocupar de espaços esquecidos pelo grande capital, e, sobretudo capaz de recriar um embasamento de vida para as pessoas das comunidades envolvidas nesse processo (ALBUQUERQUE, 1998).

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 Área geográfica de estudo

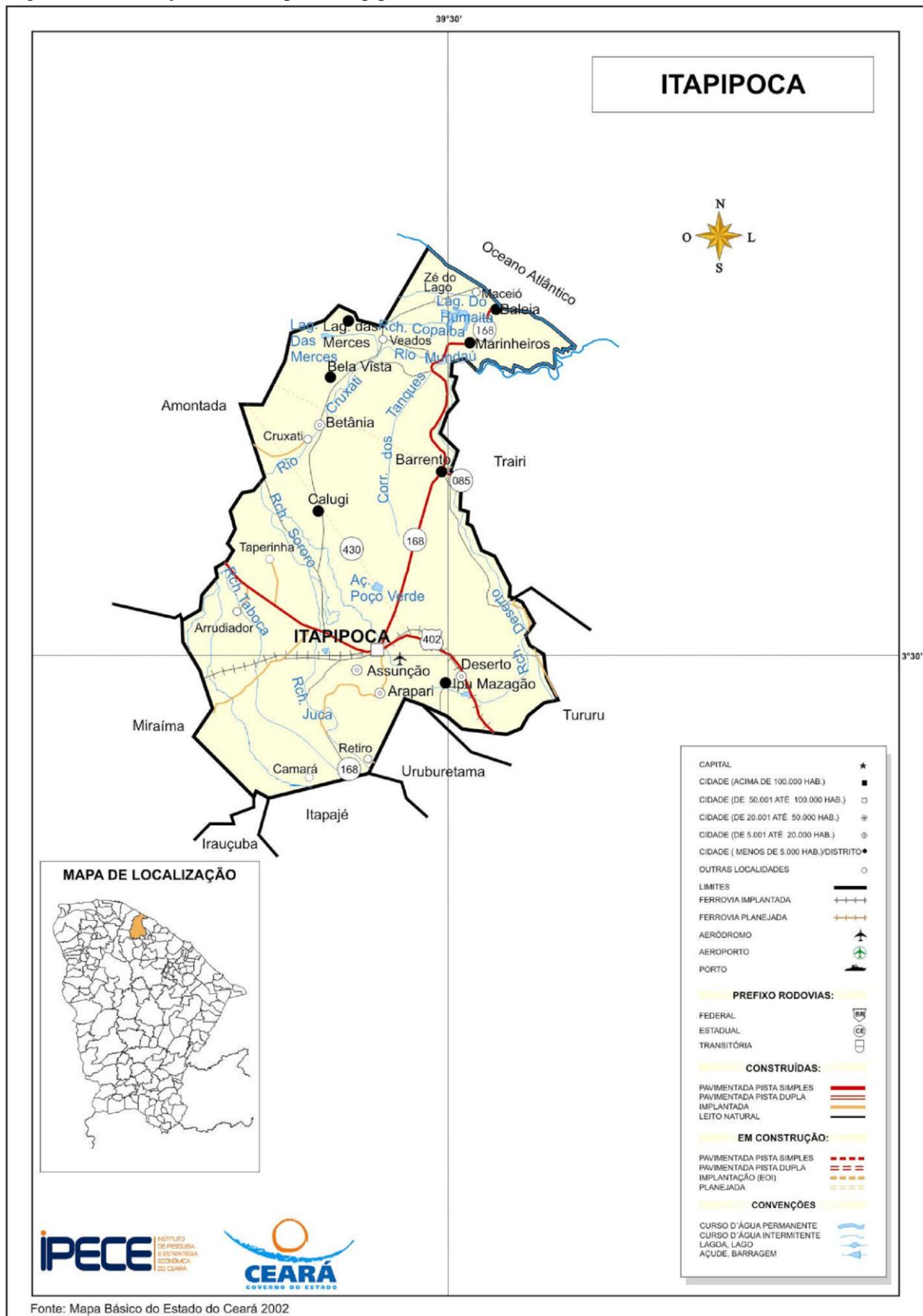
O Município de Itapipoca teve origem no início do século XVIII, e tem em seu nome ita = pedra, apoc = rebenta. Em suas variadas denominações e formações geográficas, o Município iniciou no arraial de São José, posteriormente chamado de Vila Velha, depois Imperatriz, hoje Araguari. Nos anos de 1844 a 1850, foram construídos armazéns para a venda de algodão vindos da serra e destinados ao mercado da Capital. A movimentação comercial passou a atrair novas famílias para o local, principalmente entre os anos de 1860 a 1865 quando o algodão alcançou preços altos no mercado exterior. Em razão desses fatores, a sede do Município foi transferida para o núcleo de Itapipoca. Por meio de uma divisão territorial ocorrida no ano de 2005, Itapipoca passou a ser constituída de 12 distritos que são: Itapipoca, Arapari, Assunção, Baleia, Barrento, Bela Vista, Calugi, Cruxati, Deserto, Ipu Mazagão, Lagoa das Mercês e Marinheiros (BRASIL, 2007). Esta divisão territorial é datada de 2007.

Tem em suas dimensões geográficas a seguinte formação (BRASIL, 2010a): Área de Unidade Territorial (km<sup>2</sup>): 1.603,654; uma população estimada em 2010 de 116.065 habitantes; densidade demográfica (hab/km<sup>2</sup>): 72,38 e a predominância dos climas: tropical semiárido e tropical quente semiárido brando.

Conforme dados divulgados no relatório Perfil Básico Municipal do IPECE, Ceará, 2011, a população residente do Município de Itapipoca se divide de acordo com a seguinte concentração: na área urbana, tem-se 66.909 habitantes, representando 57,65%; em contrapartida, 49.156 pessoas vivem na área rural do Município, assumindo 42,35% da população. Em relação ao sexo, tem-se que os homens representam 50,18% da população e as mulheres 49,82%.

Conforme sua cartografia Ceará (2009) ilustrada na Figura 1, o Município de Itapipoca tem em seus limites a seguinte vizinhança: oceano Atlântico e os municípios de Trairi, Uruburetama, Tururu, Itapajé, Irauçuba, Miráima e Amontada, como pode ser verificado no mapa a seguir.

Figura 1 - Localização do município de Itapipoca no Estado do Ceará



Fonte: Perfil Básico Municipal – CEARÁ (2009)

No Município de Itapipoca, trabalhou-se com o assentamento Maceió, que fica no Distrito Baleia e, mais especificamente, com a comunidade Apiques.

O assentamento Maceió foi criado em 1985, possuindo área de 5.844,7119 ha e sendo situado a 185km de Fortaleza. É formado por 12 comunidades: Apiques, Bom Jesus, Jacaré, Mateus, Córrego da Estrada, Córrego Novo, Barra do Córrego, Coqueiro, Humaitá, Lagoa Grande, Maceió e Bode.

Segundo o Plano de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Assentamento Maceió, desenvolvido e elaborado pelo Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador – CETRA (2000), o assentamento é dividido em três imóveis ou áreas:

- Área I possui 4.102,1352 ha. Faz limites ao norte com terras da Empresa Agropecuária Arvoredo Ltda. (área remanescente), ao sul com Pedro Gilson e leito do rio Cruxatí, ao leste com Minerva Carneiro de Castro e o oceano Atlântico e ao oeste com área remanescente.
- Área II possui 187,8815 ha.
- Área III possui 1.554,6952 ha. Faz limites ao norte com oceano Atlântico, ao sul com rio Mundaú, ao leste com terras de Pedro dos Santos Teixeira e ao oeste com terras do INCRA (Imóvel Maceió).

Com efeito, as artesãs analisadas neste estudo concentram-se no Distrito da Baleia, no assentamento Maceió, na comunidade Apiques. Esta comunidade conta atualmente com 117 famílias, sendo 36 assentadas e 81 não assentadas<sup>3</sup>. A principal atividade econômica da comunidade é a pesca, seguida de uma considerável presença da agricultura e de atividades não-agrícolas, como o artesanato de renda de bilro e trabalhos assalariados.

### ***3.1.1 Justificativa da área geográfica de estudo***

Na comunidade Apiques, inserida no assentamento Maceió, Município de Itapipoca-Ceará, atualmente existe o acompanhamento do Programa Residência Agrária, tendo estudantes e professores pesquisadores atuando em estágios de vivências e pesquisas participantes. O Programa Residência Agrária da Universidade Federal do Ceará teve seu início no ano de 2004, com o objetivo de oferecer aos discentes da graduação e pós-graduação dos cursos de Ciências Agrárias capacitação teórica em grupos de estudos, estímulo a

---

<sup>3</sup> Dados levantados e apresentados pela moradora rendeira da comunidade Apiques – Francinita.

pesquisas aplicadas e vivências em 14 assentamentos rurais no estado do Ceará, seguindo a pedagogia da alternância, que consiste no tempo dedicado à Universidade e aquele destinado a práticas vivenciais nos assentamentos rurais.

A comunidade Apiques expressa uma grande diversidade social, econômica e cultural nas atividades desempenhadas na localidade. Neste panorama diverso, foram notados valores ainda pouco explorados por pesquisadores e instituições, fato este impulsionador e estimulador para o desenvolvimento do estudo mais aprofundado da produção do artesanato de renda de bilro, desenvolvido pelas mulheres da localidade. Conforme Soares, Cajado e Madeira (2011), as artesãs desenvolvem a capacidade de administrar coletivamente a produção e comercialização das peças artesanais. Este “empoderamento” feminino permite fortalecer a cultura local, o repasse da tradição, ocupação laboral, participação econômica nas decisões das famílias e a percepção do potencial produtivo e comercial da comunidade.

### **3.2 Área científica de estudo**

Como área científica de estudo, este trabalho se insere no campo das Ciências Agrárias, área de Economia Rural, linha de pesquisa em Políticas Públicas e Desenvolvimento Rural Sustentável.

#### ***3.2.1 Natureza e fonte dos dados***

Para chegar aos objetivos propostos, foram utilizados dados de origem primária. Utilizando-se da coleta primária, os dados foram obtidos mediante de informações junto às artesãs de renda de bilro inseridas na comunidade Apiques, do Assentamento Maceió, no Município de Itapipoca, Ceará.

Os instrumentos utilizados para as coletas de dados foram entrevistas semi-estruturadas, a aplicação de formulários previamente elaborados, participação de encontros cotidianos nas reuniões coletivas das artesãs e oficina no formato de roda de conversa, com a intenção de colher elementos de análise de aspectos culturais e econômicos do artesanato renda de bilro como atividade estratégica na convivência com o semiárido cearense.

Os dados foram obtidos durante viagens à comunidade Apiques, ocorridas nos períodos de outubro de 2011, abril, julho, agosto e setembro de 2012, por meio de informações originadas de artesãs integrantes do grupo Mulheres em Ação, que desenvolvem

atividades de forma coletiva e de artesãs que produzem individualmente as peças de renda. Na ocasião, foi entregue a cada entrevistada o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com o objetivo de ter a permissão para se realizar as entrevistas, divulgação dos dados, nomes e imagens.

Na coleta de dados dos períodos de outubro de 2011 e abril de 2012, foi possível obter o conhecimento da atividade de renda na comunidade e o consentimento para realização do trabalho da dissertação, por meio da participação nos encontros do grupo Mulheres em Ação. Durante a estada ocorrida entre os dias 24 de julho de 2012 e 06 de agosto de 2012, concentrou-se como atividade principal a aplicação de formulários e entrevistas, o que totalizou 27 e 06 respectivamente.

### ***3.2.2 Técnicas de pesquisa***

#### **a) Pesquisa Bibliográfica**

Contém a investigação realizada por intermédio de dados bibliográficos para a formulação do referencial teórico, utilizando materiais elaborados, constituído de livros, artigos científicos publicados em periódicos, jornais, revistas, anais de congressos, dissertações, teses defendidas e sítios de instituições competentes, de forma a auxiliar na interpretação das informações, visando a prover o pesquisador de maior conhecimento sobre o tema (LAKATOS, 2002).

#### **b) Observação direta**

- Entrevista e formulários

Acontece uma conversação entre entrevistador e entrevistado de maneira preestabelecida, de modo a se compreender pelas falas do entrevistado elementos que respondam às perguntas propostas.

Este tipo de observação proporciona ao entrevistador informações necessárias e a obtenção de provas a respeito dos objetivos que se pretende estudar (LAKATOS, 2002).

As perguntas foram dispostas em formulários preestabelecidos e padronizados com vistas a que os entrevistados pudessem em suas falas atender aos objetivos deste estudo.



Sujeitos fundamentais foram as mulheres da comunidade Apiques que realizam a produção da renda de bilro.

A aplicação dos formulários aconteceu com cada artesã, individualmente, e todas as atividades desempenhadas na comunidade foram registradas com os instrumentos de pesquisa disponíveis ao pesquisador: diário de campo, em que constavam as vivências diárias, a avaliação do dia e o planejamento para o dia seguinte, como também a utilização de câmera fotográfica e gravador de voz, utilizados com o consentimento prévio das participantes. Foi formulado e entregue a cada entrevistada o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com o objetivo de ter a permissão para divulgação dos dados e imagens para finalidade acadêmica e científica.

- Observação participante

A pesquisa participante, segundo Lakatos (2002), consiste na participação do pesquisador com a comunidade ou grupo. Desta forma, para este estudo, a vivência do cotidiano com as mulheres rendeiras, durante viagens agendadas e estadas na comunidade em período de pesquisa, permitiu a obtenção de mais elementos que responderam aos objetivos propostos desta pesquisa.

- Oficina no formato de roda de conversa

A oficina no formato roda de conversa teve o intuito de perceber a relação intergeracional da atividade na comunidade, fomentar a elaboração coletiva do ciclo produtivo da renda de bilro e compreender a existência de uma relação do desempenho da atividade durante o ano com a observação de convivência com o semiárido. O momento aconteceu em uma tarde de sábado, no salão da comunidade Apiques, com a participação de 18 mulheres.

### **1º Momento: percepção da relação intergeracional da atividade na comunidade**

Em um formato de círculo e sentados ao chão, este momento teve início com o pesquisador, com o intuito de esclarecer e mobilizar a participação coletiva das mulheres. A etapa consistia utilizando-se um novelo de lã como mediador. Cada rendeira tinha que segurá-

lo para fazer uma breve apresentação pessoal, dizendo nome e complementando com a idade atual. Posteriormente responderia aos seguintes questionamentos:

“Com que idade aprendeu a fazer renda de bilro?”

“Com quem aprendeu a fazer renda de bilro?”

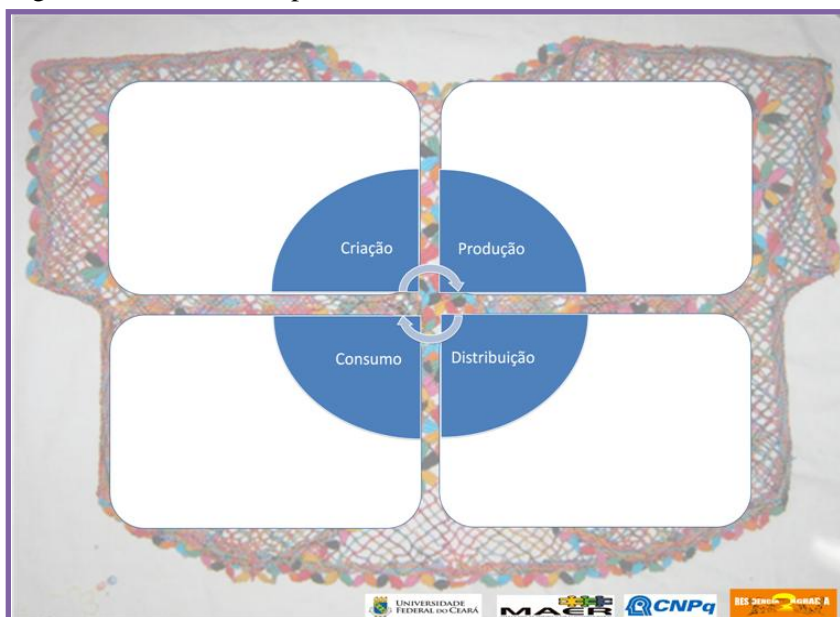
“Como aprendeu a fazer renda de bilro?”

Após a participação, a artesã lançou o novelo para outra mulher escolhida aleatoriamente por ela e que estivesse sentada no círculo, para que pudesse responder aos mesmos questionamentos há pouco citados. Ao fim, formou-se como uma teia emaranhada com o novelo de lã e entrelaçando todas as mulheres ali envolvidas num sentido de unidade.

## 2º Momento: elaboração coletiva do ciclo produtivo da renda de bilro

Para a identificação do processo de criação, produção, distribuição e consumo utilizou-se uma peça de renda impressa em marca d'água em *banner* no formato paisagem (120cm x 90cm) e tendo em sobreposição os quatro elementos do ciclo produtivo, conforme Figura 2. Com os questionamentos levantados, foram expressos elementos capazes de caracterizar cada fase do processo produtivo compreendido pelas mulheres participantes da roda de conversa. Com apoio na fala de cada artesã, foi registrado no *banner* apenas o que na ocasião fora consensual para o grupo.

Figura 2 – Banner ciclo produtivo da renda de bilro



Fonte: arquivo da pesquisa (2012)

### 3º Momento: relação da atividade como estratégia de convivência com o semiárido

Com a utilização de cartaz confeccionado em papel-madeira contendo o ciclo produtivo (criação, produção, distribuição e consumo) e os meses do ano, conforme Figura 3, as rendeiras participantes deste momento, com adesivos em formato de bolinhas, atribuíram em cada etapa da produção e mês correspondente de 00 a 05 bolinhas, sendo 00 não constando alguma atividade do ciclo produtivo e 05 o máximo atribuído desempenhado no referido mês e na etapa correspondente. A participação se deu de forma voluntária pelas artesãs, com a participação de duplas em cada ciclo produtivo, havendo o consenso na ilustração final do grupo de rendeiras participantes na roda de conversa.

Figura 3 – Cartaz convivência com semiárido



Fonte: arquivo da pesquisa (2012)

#### 3.2.3 Métodos de análise

A abordagem qualitativa e quantitativa foi considerada adequada para realização deste estudo.

De forma qualitativa, para atingir os objetivos desta pesquisa, desenvolveu-se análise da dinâmica econômica e cultural da produção artesanal da renda de bilro na comunidade, com base na percepção de elementos que permitam compreender a presença de trabalhos desenvolvidos individual e coletivamente realizados pelas mulheres da comunidade,

a importância do trabalho feminino para o fortalecimento da identidade cultural local, sob a interpretação dos fenômenos e atribuição de significados, à luz da Economia Criativa. Desta maneira, se constata nas falas das artesãs entrevistadas, elementos relevantes para a pesquisa.

De maneira quantitativa, foi possível analisar pelos dados coletados aspectos econômicos da atividade renda de bilro e sua rentabilidade para a comunidade; levantamentos no que diz respeito às características das rendeiras, como a distribuição por idade, escolaridade, desenvolvimento de atividades agrícolas e não agrícolas dentro da comunidade.

#### a) Análise tabular descritiva

Os dados coletados na pesquisa direta junto à comunidade Apiques, produtora de renda de bilro, foram agrupados no formato de tabelas para concentração de informações objetivas mediante análise estatística em frequências absolutas e relativas.

No caráter descritivo, a pesquisa tem por objetivo, segundo Gil (1999), estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda etc. Incluídas também estão as pesquisas que permitem levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população. Estas características descritivas identificam os participantes da pesquisa por via de análise quanto ao ambiente inserido, bem como na abordagem em que se expandem as práticas aplicadas à economia criativa como estratégia de convivência com semiárido.

#### b) Estudo de caso

A pesquisa compreende um estudo de caso, por se tratar de uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo (VERGARA, 2007), sem o objetivo de extrapolar os resultados para todo o Município.

Concentra identificar e caracterizar os dados adquiridos através da análise vivencial e aplicação de formulários individualmente em dias de visitação na comunidade produtora e o levantamento de informações em pesquisas elaboradas na comunidade, abrangendo artesãs inseridas em um grupo organizado, Mulheres em Ação, e com artesãs não participantes do grupo de produção coletiva existente na comunidade.

### c) Análise de indicadores econômicos

A análise dos indicadores de rentabilidade vai permitir ao produtor conhecer a formação dos custos e a sua lucratividade com origem no desempenho da atividade renda de bilro. É com suporte em resultados econômicos que o produtor poderá tomar decisões sobre o seu sistema de produção, e quanto mais conhecimentos destes resultados o produtor tiver, maiores serão as possibilidades de obter asserções nas tomadas de decisões (LOPES; CARVALHO, 2002).

Para a análise dos indicadores econômicos da atividade renda de bilro na comunidade Apiques, utilizou-se o conceito de custo operacional de produção (MATSUNAGA et al., 1976; MARTIN et. al., 1998).

- **Caracterização das Receitas**

- i. **Receita Bruta (RB)**

A Receita Bruta representa o valor monetário obtido com a venda da produção.

$$RB = PT.P_m \tag{I}$$

Onde:

PT = produção total no ano em análise;

P<sub>m</sub> = preço médio de venda estabelecido no mercado.

- **Determinação dos custos**

A determinação dos custos neste estudo terá por base os custos da produção e os indicadores de rentabilidade, conforme a metodologia utilizada por Martin et al (1998) no desenvolvimento do Sistema Integrado de Custos Agrônomicos (CUSTAGRI), conforme demonstrado a seguir.

### i. Custo operacional efetivo (COE)

Representa o custo efetivamente desembolsado pelo produtor para produzir determinada quantidade de um produto (FREITAS et al., 2005). Pode ser chamado também de custo variável total (CVT). Segundo Campos (2003), tem-se:

$$\text{COE} = \sum_{h=1}^m P_h Q_h + \sum_{j=1}^r P_j Q_j \quad (\text{II})$$

Onde:

$P_h$  = preço da diária ou do serviço contratado temporário  $h$ , ( $h = 1, 2, \dots, m$ );

$Q_h$  = quantidade de mão-de-obra ou do serviço contratado temporário  $h$ ;

$P_j$  = preço do insumo  $j$ , ( $j = 1, 2, \dots, r$ );

$Q_j$  = quantidade do insumo  $j$ .

### ii. Custo operacional total (COT)

É o custo que o produtor emprega no curto prazo para produzir e repor seus equipamentos e continuar produzindo (FREITAS et al., 2005).

$$\text{COT} = \text{COE} + D \quad (\text{III})$$

Onde:

COE = custo operacional efetivo;

D = depreciação;

### iii. Depreciação

Será utilizado o método linear de depreciação, que consiste em dividir o custo inicial (aquisição ou reposição) do bem de capital ( $C_i$ ) pelo número de anos de sua duração provável.

#### iv. Custo total de produção (CTP)

O Custo Total (CTP) compreende o custo operacional total mais os juros ou a remuneração do capital estável colocado à disposição da produção de renda de bilro, o que resulta na seguinte expressão:

$$CTP = COT + RC \quad (IV)$$

Onde:

COT = custo operacional total;

RC = remuneração do capital estável<sup>4</sup>.

- **Análise de rentabilidade**

##### i. Margem Bruta (MB)

A margem bruta, absoluta ou em valores monetários, é calculada subtraindo-se a receita bruta ao custo operacional efetivo. Indica o que sobra de dinheiro, no curto prazo, para remunerar os custos fixos. Tem-se que:

$$MB = RB - COE \quad (V)$$

Onde:

RB = receita bruta

COE = custo operacional efetivo

##### ii. Margem Bruta em Relação ao Custo Operacional Efetivo (MBP)

É a margem em relação ao custo operacional efetivo (COE), isto é, mostra o percentual de recursos que sobra após o produtor pagar o custo operacional efetivo, considerando o preço unitário de venda do produto e sua produção (FREITAS et al., 2005).

---

<sup>4</sup> Corresponde aos juros sobre o valor do capital empatado. Para cálculo desses juros, considera-se a taxa paga pelos bancos no valor de 6% ano, correspondente ao rendimento da caderneta de poupança de 2012.

$$MBP = \frac{(RB - COE)}{COE} .100 \quad (VI)$$

### iii. Margem Líquida (ML) ou lucro operacional

A margem líquida mede a lucratividade da atividade no curto prazo, demonstrando as condições financeiras e operacionais da produção de renda de bilro. Tem-se que:

$$ML = RB - COT \quad (VII)$$

Onde:

RB = receita bruta;

COT = custo operacional total

### iv. Margem Líquida em Relação ao Custo Operacional Total (MLP)

É a margem em relação ao custo operacional total (COT), ou seja, mostra o que sobra após o produtor pagar o custo operacional total (FREITAS et al., 2005).

$$MLP = \frac{(RB - COT)}{COT} .100 \quad (VIII)$$

Onde:

RB = receita bruta;

COT = custo operacional total

### v. Índice de Lucratividade (IL)

Foi obtido mediante a relação entre o lucro operacional e a receita bruta, em percentagem. Esse indicador mostra a taxa disponível de receita da atividade, após o pagamento de todos os custos operacionais (FREITAS et al., 2005).



$$IL = \frac{ML}{RB} \cdot 100 \quad (IX)$$

Onde:

ML = margem líquida;

RB = receita bruta

#### **vi. Lucro (L)**

O lucro é resultante da diferença da Receita Bruta do Custo Total da Produção.

Assim,

$$L = RB - CTP \quad (X)$$

Onde:

RB = receita bruta;

CTP = custo total de produção

#### **vii. Custo médio (CMe)**

É igual ao custo total dividido pelo número de bens produzidos (a quantidade de saída, Q).

$$CMe = \frac{CTP}{Q} \quad (XI)$$

Onde:

CTP = custo total de produção;

Q = quantidade produzida em unidades.

- **Interpretação dos Indicadores**

Segundo Nogueira *et al* (2001), para haver conclusões assertivas, alguns cuidados devem ser tomados na interpretação dos indicadores econômicos aqui apresentados, sob pena de se retirar conclusões equivocadas.

Assim sendo, com respeito à Margem Bruta tem-se:

- a)  $MB > 0$  – significa que a receita bruta (RB) é superior ao custo operacional efetivo (COE) e o produtor pode permanecer na atividade, no curto prazo, caso a mão de obra estiver sendo remunerada;
- b)  $MB = 0$  – ocorre quando a receita bruta (RB) é igual ao custo operacional efetivo (COE). Neste caso, a mão de obra não é remunerada e, se o produtor não tem outra atividade, não resistirá por muito tempo no negócio;
- c)  $MB < 0$  – acontece quando a receita bruta (RB) é inferior ao custo operacional efetivo (COE). Significa que a atividade está resultando em prejuízo, visto que não cobre nem os desembolsos efetivos;

Quanto à Margem Líquida, pode-se fazer as seguintes interpretações:

- a)  $ML > 0$  – significa que a receita bruta (RB) é superior ao custo operacional total (COT) e o produtor pode permanecer na atividade no longo prazo;
- b)  $ML = 0$  – ocorre quando a receita bruta (RB) é igual ao custo operacional total (COT). Neste caso, as depreciações e a remuneração da mão de obra estão sendo cobertas, mas o capital não foi remunerado;
- c)  $ML < 0$  – acontece quando a receita bruta (RB) é inferior ao custo operacional total (COT). Significa que alguns dos fatores de produção não estão sendo remunerados e o produtor encontra-se em processo de descapitalização.

No caso do Lucro, as conclusões são as seguintes:

- a)  $\text{Lucro} > 0$  – lucro supernormal. A atividade está remunerando todos os fatores de produção e ainda está gerando uma “sobra” que varia com a produção;
- b)  $\text{Lucro} = 0$  – lucro normal. A atividade está remunerando todos os fatores de produção, inclusive a mão de obra administrativa e o capital;

c) Lucro  $< 0$  – prejuízo. Este caso não requer, necessariamente, prejuízo total, pois se a margem de lucro (ML) for maior do que zero, significa que a atividade está remunerando a mão de obra, as depreciações e, até mesmo, parte do capital empatado.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

“[...] contemplando as imagens que ora lhe são oferecidas, confrontá-las, compará-las, conversar com elas, indagar sua origem, sua razão de ser, as raízes de que procedem, o fim a que se dirigem, a mensagem que trazem, do mistério de onde surgem, e as soluções que levam de volta, depois de cumprida sua função a serviço do homem. Elas nos ensinarão que nem tudo é só passado, só futuro, mas passado e futuro ao mesmo tempo. E que se pode ser mitológico e racionalista dentro de um compensador equilíbrio”.

(Cecília Meireles)

### 4.1 Perfil das artesãs entrevistadas

Pretende-se aqui delinear as características das entrevistadas, como idade, estado civil, escolaridade e quanto ao desempenhar cotidiano de trabalhos agrários e não agrários. Convém ressaltar que a atividade renda de bilro na comunidade é realizada apenas por mulheres, dados estes não correspondentes apenas à questão de gênero das participantes da pesquisa, mas por ser desempenhada de fato, na comunidade, por mulheres, portanto, a referência ocorrerá sempre no feminino.

#### 4.1.1 Idade

As informações contidas, inicialmente, se referem aos dados relativos à idade das rendeiras entrevistadas na comunidade Apiques, como é demonstrada na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição de frequências da idade das entrevistadas

Classes	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência relativa acumulada (%)
19 – 29 anos	10	37	37
30 – 40 anos	11	40,8	77,8
41 – 51 anos	3	11,1	88,9
52 – 62 anos	3	11,1	100,0
Total	27	100	

Fonte: dados da pesquisa (2012)

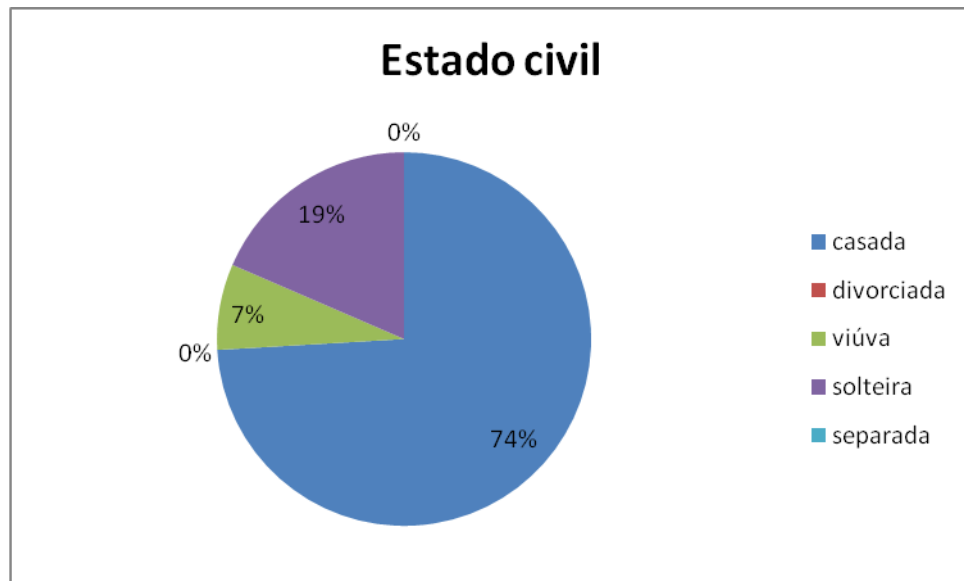
As rendeiras entrevistadas têm idades entre 19 e 62 anos, e idade média de 35 anos. Estes dados de faixa etária desconsideram a atividade desenvolvida também por crianças da comunidade, mesmo que sejam realizados o repasse e o ensino da atividade para elas.

A partir dessas informações, tem-se que, conforme a distribuição de faixa etária das 27 participantes da pesquisa, 77,8% das rendeiras têm até 40 anos de idade, como demonstrado na Tabela 1, contudo, o estudo de Filgueiras (2005), observou que 50% das artesãs de bordado no Município de Itapajé-Ceará têm até 40 anos de idade, significando que, na comunidade Apiques há maior percentual de mulheres jovens desempenhando a atividade artesanal, do que no Município de Itapajé-CE.

#### **4.1.2 Estado Civil**

Do estado civil das mulheres, tem-se que a maioria (74%) das rendeiras entrevistadas é de casadas, considerando que ocorra a união matrimonial, muitas vezes não formal em cartórios ou instituições religiosas que se consagre à união, porém vivam maritalmente com seus cônjuges e estabeleçam relação familiar. Já nas demais relações, tem-se que 19% das entrevistadas são solteiras e 7% viúvas, não possuindo casos de separações ou divórcios. Percebe-se que, embora em percentuais diferentes, segundo Filgueiras (2005), no estudo de bordadeiras em Itapajé, Ceará, 57% são casadas, representando maior quantidade entrevistada, seguida por 23% de bordadeiras solteiras, 10% viúvas e ocorrendo a presença de 10% de artesãs separadas, caso este não encontrado na comunidade Apiques.

Gráfico 1 - Estado civil das rendeiras



Fonte: dados da pesquisa (2012)

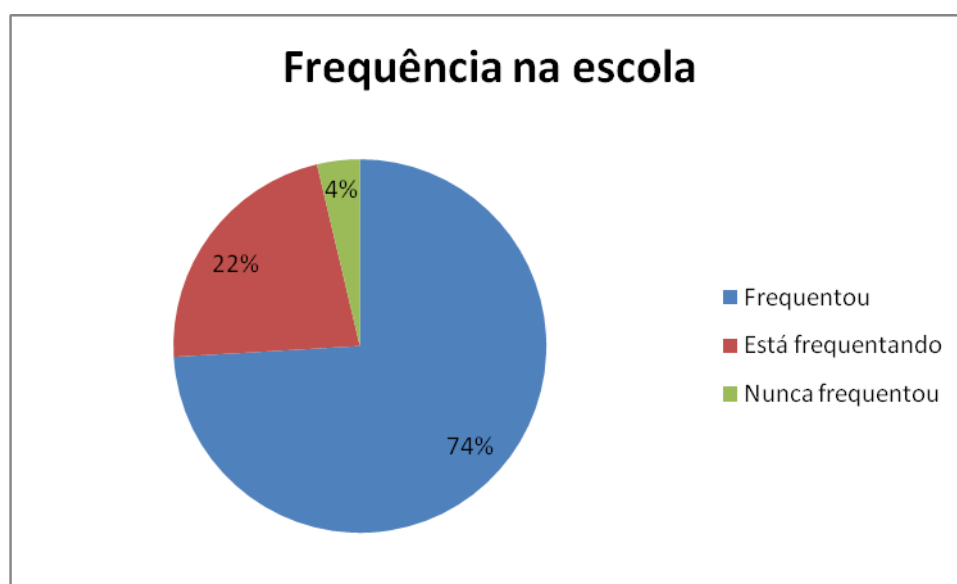
#### 4.1.3 Escolaridade

A atividade artesanal renda de bilro, desenvolvida na comunidade Apiques, não está ligada às bases educacionais formais, pois são desempenhadas como forma de incentivo a cultura local, o educar com os exemplos práticos das atividades desempenhados na comunidade. O repasse da atividade é basicamente no seio familiar, situação percebida quando mães ensinam para as filhas quando ainda pequenas.

Na comunidade Apiques há uma escola, Escola Municipal de Educação Básica Vera Maria Teixeira, que atende às 117 famílias residentes. Para o atendimento ao ensino médio, os estudantes precisam se deslocar em transportes fornecidos pela Prefeitura Municipal de Itapipoca para outras comunidades e para Escola do Campo instalada em comunidade próxima ao Apiques. Para ter o ensino superior, os interessados financiam o transporte e os seus estudos em instituições particulares, que lotam profissionais na área de Pedagogia, e ofertam as disciplinas em localidades vizinhas dentro do próprio assentamento. As aulas acontecem quinzenalmente durante os finais de semana.

Conforme Gráfico 2, no que diz respeito ao ensino formal, as mulheres entrevistadas, em sua maioria, frequentam ou já frequentaram a escola.

Gráfico 2 - Frequência escolar das rendeiras



FONTE: dados da pesquisa (2012)

Têm-se então, os seguintes dados, quanto ao nível de escolaridade das entrevistadas (TABELA 2).

Tabela 2 - Distribuição de frequência da escolaridade das entrevistadas

Classes	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência relativa acumulada (%)
Analfabeta	1	3,70	3,70
Alfabetizada	1	3,70	7,40
Fundamental incompleto	4	14,81	22,21
Fundamental completo	8	29,63	51,84
Médio incompleto	2	7,41	59,25
Médio completo	8	29,63	88,88
Superior incompleto	3	11,12	100
Superior completo	0	0	100
Total	27	100	

Fonte: dados da pesquisa (2012)

Percebe-se que 51,84% das mulheres entrevistadas têm até o ensino fundamental completo e que esse percentual se amplia para 88,88% quando se trata da conclusão do ensino médio. Apesar de haver na comunidade a escola municipal de ensino infantil e fundamental desde o ano de 1997, verificou-se que nem todas as mulheres inseridas nesta pesquisa estudaram na instituição.

O fato de possuir uma escola instalada na comunidade, atualmente, permite o curso do ensino fundamental. O transporte diário disponibilizado pelo Município aos alunos

da comunidade para estudar o ensino médio é fator propulsor para a continuidade dos estudos, e, muitas vezes o término do ensino médio está ligado a sonhos e perspectivas de novas oportunidades, hoje não oferecidas à comunidade em forma de empregos. As mulheres que concluíram o ensino médio recorrem à execução de atividades não agrícolas como uma forma de viabilizar os interesses coletivos ou pessoais, na busca de ampliar sua renda ou de minimizar os esforços praticados na execução das atividades agrícolas (SCHNEIDER, 1999).

#### ***4.1.4 Realização de atividades agrícolas e atividades não agrícolas***

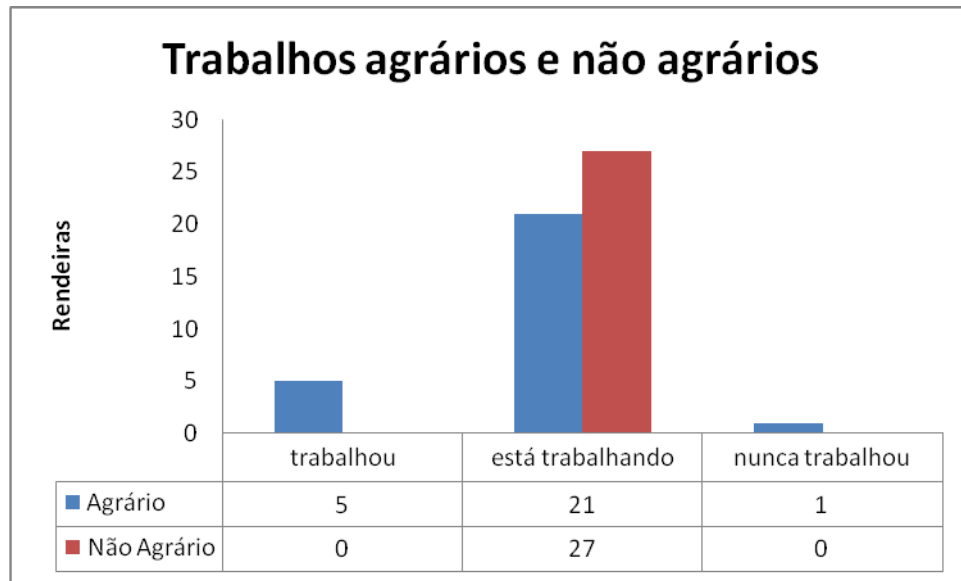
A comunidade Apiques tem, em seu domínio territorial, pessoas envolvidas em diversas atividades. A pesca artesanal é considerada a principal fonte de renda das famílias e desempenhada pelos homens da comunidade. Há também a agricultura, voltada para o consumo familiar, com a participação do trabalho de homens, mulheres e filhos nos cercados das famílias, explorando as culturas de feijão, milho, batata, mandioca, caju e coco. O trabalho não agrário expressa uma maior concentração da atividade em renda de bilro desempenhada pelas mulheres da localidade e empregos formais, como o funcionário público municipal (professores, serviços gerais, vigilantes).

Conforme estudos de Echeverri e Ribero (2005) na atual realidade nos territórios rurais, que, como estratégia de convivência com a pobreza, e com as perdas consideráveis na agricultura, foram reveladas outras atividades econômicas substitutivas e independentes da agricultura, como as atividades não agrícolas no campo.

Desta forma, tem-se, conforme Gráfico 3, que 21 das mulheres entrevistadas na comunidade exercem atividades ligadas à agricultura, como preparo do solo, plantio, limpeza da área plantada, colheita e cuidados com os animais. Já cinco mulheres trabalharam em algum momento de sua vida nas atividades relacionadas às práticas agrícolas e uma nunca trabalhou na agricultura, mesmo vivendo em localidade rural, e tendo a necessidade de mão de obra familiar para execução das atividades agrárias. Todas as mulheres entrevistadas trabalham com atividades não agrárias. Mesmo tendo como foco deste estudo a renda de bilro, percebe-se o desempenho de outras atividades não ligadas à agricultura, como os serviços domésticos, professora, funcionalismo público, marisqueira, estudante e aposentada.



GRÁFICO 3 – Realização de trabalhos agrários e não agrários



FONTE: dados da pesquisa (2012)

Na comunidade Apiques, mesmo havendo uma segregação de gênero nas atividades produtivas locais, percebeu-se que existe uma participação de homens no que diz respeito a cuidar dos filhos e trabalhos domésticos, como zelar pela segurança da casa, reparos de cercas e telhados. Compreende, conforme afirma Melo, Cappelin e Castro (2008), que deve haver um repensar muito analítico das diferenças de gênero, compreendendo os papéis femininos e masculinos no contexto social, incorporando uma situação de convivência entre os indivíduos de sexos diferentes, mas que realizam atividades produtivas e reprodutivas de forma comum à sobrevivência do ser.

#### 4.2 A organização das mulheres na produção da renda de bilro

A atividade renda de bilro na comunidade Apiques é constituída com as seguintes características: em geral pela produção individual das peças, mas também com a confecção de peças por meio do grupo coletivo Mulheres em Ação.

Na comunidade, as mulheres, de forma generalizada, iniciam atividades com as obrigações do lar, normalmente muito cedo do dia. Dispõem o café da manhã para maridos e filhos e os aprontam respectivamente para as atividades laborais e escolares. Em seguida, faz a limpeza de sua casa paralelamente ao preparo do almoço. Já algumas mulheres possuem outra dinâmica em seu cotidiano, pois desempenham outras atividades remuneradas, como serviços gerais e professora nas escolas, o que não as exime das atividades domésticas.

Com a conclusão de suas obrigações matinais, dedicam momentos à produção da renda de bilro, aliando o tempo destinado às atividades domésticas e a agricultura em período em que concentram a quadra chuvosa.

A Figura 4 mostra mulheres durante o exercício cotidiano de produção de renda de bilro na comunidade.

Figura 4 - Rendeiras em atividade



Fonte: acervo do autor (2012)

Essa realidade é semelhante à observada por Lemos (2011), em estudo com rendeiras no Município de Aquiraz-CE, uma vez que, em seu dia a dia as artesãs começam com os afazeres domésticos e cotidianos, depois seguem com suas almofadas para o exercício de suas atividades. Algumas mulheres chegam a ficar nos espaços da comunidade aproximadamente oito horas diárias, jornada que pode variar conforme as conveniências e obrigações individuais.

Algumas formas de organização produtiva foram constatadas durante a pesquisa, como a forma individual e coletiva em sua formação de produção.

Dessa maneira, compreende-se, portanto, que é considerada como forma de produção individual da renda de bilro, aquela em que as artesãs assumem particularmente os gastos com os materiais necessários para confecção da peça, não havendo o auxílio de outra

rendeira durante o processo em que são produzidas as peças. Com a costura finalizada e posta à venda, o ganho da peça é destinado apenas à pessoa que executou a atividade.

A Figura 5 mostra mulheres exercendo a produção individual de renda de bilro na comunidade.

Figura 5 – Rendeiras em exercício individual da atividade



Fonte: acervo do autor (2012)

Constatou-se, também, a existência de um grupo de rendeiras, denominado Mulheres em Ação, segunda forma produtiva realizada na comunidade e abordada neste estudo. A organização coletiva das mulheres acontece ainda de maneira informal, caso este em que não possui registro ou amparo legal de sua existência.

O início do grupo coletivo de mulheres partiu da necessidade de organizar a produção das rendeiras na comunidade. Considerado recente, há aproximadamente dois anos, ocorreu em virtude da mobilização e do entusiasmo de transformar o grupo de mulheres já existente na comunidade em fator motivador de produção coletiva, propulsor de novas oportunidades e fortalecimento para exigências de melhorias nos preços praticados no momento em que são vendidas as peças, conforme fala de L.F.S., 29 anos, rendeira do grupo Mulheres em Ação e não assentada.

*O grupo surgiu a partir da necessidade, a gente viu a necessidade de produzir para oportunidades. Questão da organização das rendeiras da comunidade. Assim a gente pensou em formar o grupo pensando nessa melhoria, a partir do grupo formado fazer as nossa exigências, dar os nossos preços. Surgiu vai fazer 2 anos em setembro. É novo.*

A formação de grupo coletivo de mulheres já existia na comunidade, com iniciativa de Dona Nazaré Flor, mulher-referência na luta pela terra do assentamento Maceió e falecida no ano 2007. Este grupo tinha o objetivo de instruir às mulheres em relação a doenças sexualmente transmissíveis, violência contra mulher, relações de gênero e demais assuntos relacionados ao papel feminino nas tomadas de decisões familiares e na comunidade. Cada momento se dava como forma de compartilhamento e multiplicação de formações recebidas externamente ao ambiente da comunidade, conforme relata F.R.S., 47 anos, membro do grupo Mulheres em Ação e assentada.

*Desde que a madrinha Nazaré era viva que a gente se reunia, o grupinho de mulheres, não era muito não, a gente sempre se reunia pra ela repassar os assunto, porque ela saia muito, ela participava de oficina, dos encontros das mulher, sobre tudo de doença, como a gente se cuidar, o papel da mulher, ai ela participava, ai quando ela chegava, ela chamava as mulher pra ela repassar. Só que tinha mulher que nunca se interessou. Ai sempre tinha aquelas que se interessava mais, ai se reunia mais ela. Ai foi o tempo que ela adoeceu, antes de morrer ela pediu pra (F.F.S), ficar saindo pra essas reunião de fora. Era muito importante que ela ficasse.*

Anualmente, as mulheres participantes do grupo, durante o período de carnaval, se organizam e montam uma barraca na orla da praia. Neste ambiente, todas as participantes do grupo se envolvem nas atividades de compra de materiais, preparo e venda de comidas e bebidas para a população local e visitantes. O dinheiro arrecadado fica guardado em um caixa. É considerado como um dos fatores propulsores ao início do grupo a existência dessa reserva anual, a qual hoje se destina para compra de linhas, visando diminuir custos gerados pela produção das peças de renda e como uma forma de investimento do dinheiro recebido com a barraca durante o carnaval. Segundo L.F.S., 29 anos, membro do grupo Mulheres em Ação e não assentada.

*Todos os ano, na época do carnaval, a gente se organiza pra fazer a barraca, se a gente tem algum dinheiro em caixa, a gente compra o produto. O grupo todo tem que tá dentro, são dois dias que a gente vende. Cada pessoa do grupo faz sua parte e é dividido. Faz churrasco, faz baião. O dinheiro da barraca fica no caixa do grupo pra gente comprar as linhas. Inclusive o grupo surgiu a partir desse pequeno dinheiro, o dinheiro que a gente tinha, a gente precisava investir em alguma coisa. Não existia o grupo de rendeira organizada.*

Muitas ideias surgiram até chegarem a uma decisão de investir o dinheiro recebido anualmente com a barraca em período de carnaval. Resolveram que a quantia recebida era para a compra de linhas para uso na para a produção de renda de bilro, de forma coletiva. Algumas mulheres que hoje participam não estavam presentes nesse marco de origem do grupo de renderias. A entrada e participação dessas mulheres ocorreu com o pagamento de valor referente a parte em caixa cabível a cada mulher já participante do grupo, como revela F.P.N., 26 anos, membro do grupo Mulheres em Ação e não assentada.

*Desde a época da finada Nazaré, que tinha o grupo de mulheres, ai depois com a morte dela, aí “a gente continuamos” se reunindo, de vez em quando. Aí a gente teve a ideia de já que todo mundo fazia renda, a L.F.S sempre queria e falava pra gente, pras mulheres, a gente queria fazer alguma coisa sabe que, desse pra criar o grupo, a gente queria fazer uma horta, mas as vezes não dava certo, a gente queria fazer outras coisas, mas a gente sabia que não dava certo. Aí então a gente teve a ideia da renda, já que todo mundo sabia fazer, por que não criar um grupo de renda? Eu acho que esse grupo já tem quase dois anos, eu tô desde o começo, mas não tenho bem lembrança, acho que tem quase 2 anos, se não tiver com mais. O grupo iniciou com um dinheiro que fizeram com uma venda no carnaval na praia. Alguém se juntou e venderam e juntaram o dinheiro, ai quando eu entrei no grupo eu tive que dar a quantidade de dinheiro que cabia pra elas, entende? Então eu tinha que dá a quantidade de dinheiro que cada uma fizeram na praia. Eu acho que nessa época era R\$ 20,00. Desse dinheiro, nós compremos linhas e começamo a fazer umas peça e com o dinheiro que a gente arrecadou começemo a comprar linha. Com as linhas que a gente pega do grupo, a gente faz as peças pro grupo. Aí a gente vende, tira uma porcentagem pra gente e a outra porcentagem, vai pro cofre, a gente diz que é o cofre. Pra comprar de linha. Da linha do grupo eu faço renda pro grupo, a individual não, eu compro com meu dinheiro. Eu tenho duas almofadas, uma pro grupo e outra individual.*

As rendeiras do grupo Mulheres em Ação percebem na coletividade a presença de fatores motivadores para sua atividade, como o estímulo para produzir mais peças, poder também exigir melhores preços por unidades confeccionadas, segundo I.M.S., 28 anos, membro do grupo Mulheres em Ação e não assentada.

*Do tempo que as meninas convidaram pra participar, a gente fazia renda por tradição mesmo, porque o ganho era muito pouco, o preço dela era muito baixo. Ai as meninas pensaram assim, que fazendo com um grupo de mulher, a gente faz mais peças, né? Aí a gente pode até exigir um preço mais alto pra uma renda bem feita. Eu entrei o grupo só depois que ele começou, tem uns 2 anos que eu participo, aí como começou eu não sei bem. Eu sei que existia o grupo, mas não era pra se juntar pra fazer a renda.*

Desta forma, foram consideradas grupo coletivo de renda de bilro, as mulheres participantes do Grupo Mulheres em Ação, que mantêm o estoque de linhas oriundos da



mobilização grupal com vistas a reduzir custos produtivos e ampliação do ganho na venda de cada peça, com enfoque para a valorização do trabalho organizado e em grupo.

Fato relevante, portanto, concentra-se em que as mulheres participantes do grupo Mulheres em Ação residem nas proximidades do salão comunitário, local onde acontecem os encontros.

A Figura 6 mostra o grupo Mulheres em Ação em momento de reunião e de produção coletiva de renda de bilro na comunidade.

Figura 6 - Encontro de rendeiras do Grupo Mulheres em Ação



Fonte: acervo do autor (2012)

Foram percebidas, também, outras formas de organização produtiva na comunidade Apiques, que consistem na execução da atividade juntamente com parentes ou vizinhas. Inserem-se nesse formato mulheres que se deslocam de suas residências e percebem maior produtividade quando acompanhadas. Em geral, cada rendeira se encarrega de desenvolver suas peças, individualmente. A Figura 7 mostra mulheres que se juntam para desenvolver suas peças na companhia de familiares ou vizinhas.

Figura 7 - Encontro de rendeiras nas residências



Fonte: acervo do autor (2012)

Assim, segundo a Tabela 3, sãs seguintes formas de organização da atividade renda de bilro na comunidade Apiques

Tabela 3 - Formas de organização renda de bilro na comunidade

<b>Forma de produção</b>	<b>Quantidade de mulheres</b>	<b>Percentual (%)</b>
Individual	27	100%
Grupo Mulheres em Ação	8	29,63%
Outras formas	17	62,96%
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>–</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Observou-se que todas as mulheres participantes deste estudo desenvolvem a produção individual da renda de bilro. Com o dinheiro particular, assumem, então custos de linhas e dispõem conforme suas necessidades e prioridades a venda das peças. Mesmo com esse cenário, oito rendeiras entrevistadas são participantes do grupo Mulheres em Ação, o que corresponde a 29,63% das participantes da pesquisa. Os custos são compartilhados e as ações geradas e proporcionadas de forma organizada e coletiva. Em complementação, foram vistos, ainda, outras formas de organização, em que 62,96% dessas mulheres fazem ou já fizeram peças de renda por meio da divisão do trabalho, fato este constatado quando executam a atividade com filhas, mães, vizinhas, amigas ou outras parentes com intuito de finalizar as peças com maior rapidez.

### 4.3 O ciclo produtivo da renda de bilro sob a óptica da Economia Criativa

O ciclo produtivo segundo conceitos da Economia Criativa é estabelecido com base em quatro elementos: criação, produção, distribuição/circulação/difusão e consumo/fruição de bens e serviços proveniente dos setores criativos, com característica embasada na prevalência de sua dimensão simbólica (BRASIL, 2011).

Partiu-se para a elaboração coletiva com artesãs envolvidas neste estudo, do ciclo produtivo da atividade renda de bilro na comunidade. Em conversas individuais e aplicação de roda de conversa, constituída de forma previamente estruturada, foram colhidos elementos capazes de constituir esta análise.

Com as informações geradas em consenso pelas artesãs, teve-se, portanto, elaborado o seguinte ciclo produtivo da atividade renda de bilro na comunidade, conforme Figura 8.

Figura 8 - Ciclo produtivo da renda de bilro na comunidade Apiques



Fonte: dados da pesquisa (2012)



#### ***4.3.1 O processo de criação da renda de bilro***

Conforme a Figura 9, tem-se que a criação de modelos de peças e a confecção de papelões que servem como moldes para a produção de tiras isoladas de renda de bilro são concentradas praticamente em uma pessoa, D. Boa, que tem ligação em parentesco com mulheres da comunidade Apiques, mas não é residente. A relação é gerada de forma amistosa, e não há gastos inseridos para aquisição de novos modelos. O repasse desses papelões acontece quando a rendeira identifica a existência dos novos moldes, muitas vezes tomando conhecimento por meio de conversas informais nos caminhos arenosos da comunidade, ou por vezes quando se reúnem coletivamente para fazer renda em grupo ou nas casas vizinhas, ou até mesmo quando visualizam peças prontas para serem vendidas, gerando questionamentos da procedência do papelão e quem o possui na comunidade.

Muitas mulheres da localidade fazem cópias desses papelões, ocasião em que compram cartolina ou papelão de espessura mais grossa, e o colocam sobrepostos um ao outro; em seguida, furam com o espinho de mandacaru, gerando os pontos necessários para a produção da peça.

Há também o caso em que atravessadoras chegam à comunidade com os papelões, para que peças de renda sejam produzidas, e para que possam atender encomendas demandadas pelo comércio.

Existe também a forma de modificação de papelões, consistente, basicamente, na alteração de determinadas características das peças, como, por exemplo, o aumento ou diminuição de uma peça em comprimento de altura ou largura, ou até mesmo a inserção de uma flor onde havia pano, ou pano em local de flor. Essas atividades de modificações são desenvolvidas por mulheres residentes da própria comunidade, como Dona Quinha, rendeira membro do Grupo Mulheres em Ação e assentada, e Dona Auriane, rendeira que produz individualmente suas peças, professora e membro não assentada.

Figura 9 – Moldes de renda de bilro em papelão



Fonte: acervo do autor (2012)

Este fato foi percebido na fala da rendeira F.P.N., 26 anos, rendeira participante do Grupo Mulheres em Ação e membro não assentada, em momento que fala sobre a origem dos papelões e a cerca das pessoas na comunidade que realizam as modificações de moldes na comunidade:

*Nem sei te dizer quem é, geralmente as menina que são as atravessadoras que compram as nossas rendas, é elas que trazem. Muitas mulheres arrumam pelo Mundaú, quando chegam a gente fura e faz as cópias pra ficar com a gente. A D. Quinha modifica, a Auriane também modifica.*

A dinâmica do elemento criação na comunidade ainda é considerada dependente e muitas mulheres desconhecem exatamente a origem de modelos para se produzir. Esta etapa é de fundamental importância para seguir na fase produtiva da renda de bilro e compreender que as inovações no produto são importantes para atender um mercado consumidor.

Outro aspecto inserido no processo de criação das rendeiras da comunidade Apiques é conseguir aliar a sua criatividade nas misturas de novas, sendo possível substituir as tradicionais, pois conseguem materializar inovações em cada modelo já produzido pelas mulheres. Este caso também ocorre com as rendeiras no estado de Santa Catarina, quando Zanella, Balbinot e Pereira (2000) notaram a dinâmica de cores adotadas pelas rendeiras como fator de constante mudança no que diz respeito ao resultado estético e inovador nas peças produzidas.

Existe uma necessidade pontual na comunidade em inovar as peças produzidas, visto que, pela melhoria dos produtos existentes e o lançamento de novos modelos gera uma valiosa relevância, capaz de dinamizar a criatividade das mulheres envolvidas.

#### **4.3.2 A etapa produtiva da renda de bilro**

A produção da renda de bilro, segundo apontamentos expostos pelas rendeiras, contidos na Figura 8, acontece da seguinte maneira.

Nessa construção do ciclo produtivo, por meio da roda de conversa aplicada, foram pontuadas algumas formas de produção constatadas na comunidade Apiques.

1) **Produção Individual:** cada mulher com a almofada particular, em suas residências, produz peças de forma autônoma, adquirindo o material necessário para confecção de cada peça.

2) **Produção Individual acompanhada de parentes e amigas:** forma produtiva constituída de modo individual, em que cada mulher é responsável pela compra do material necessário para produção, mas existindo o deslocamento de rendeiras para a casa de vizinhas ou parentes como expediente para proporcionar descontração e rapidez no desenvolvimento da atividade.

3) **Produção Coletiva por meio do Grupo Mulheres em Ação:** produção das peças de renda de bilro de forma compartilhada, desde o processo de aquisição de materiais que é apanhado no estoque de linhas constituído pelo grupo, tendo no procedimento produtivo a divisão de trabalho para proporcionar a finalização da peça com maior rapidez.

4) **Produção Coletiva mediante o compartilhamento de atividades com familiares e amigas:** a produção desta forma consiste na divisão dos custos de materiais necessários para confecção de peça de renda, do trabalho e da receita. Normalmente ocorre no âmbito domiciliar.

Para produção das peças, as rendeiras necessitam possuir uma almofada, que muitas vezes é confeccionada por elas mesmas, pegando um tecido bem grosso, normalmente de rede, e dentro colocam palha de bananeira seca até ficar com um aspecto mais duro e cheio. Utilizam também os bilros, que são instrumentos feitos com uma haste curta em uma das pontas com uma terminação esférica e na ponta oposta enrola-se uma quantidade suficiente de linha que é fixada com espinhos de mandacaru a um modelo (desenho da renda) a ser executada.

A produção de renda de bilro está ligada diretamente à necessidade de manter alguma atividade ocupacional entre as mulheres, haja vista haver pouca geração de trabalhos remunerados na comunidade, como diz a rendeira Z.P.S., 28 anos, rendeira individual e não assentada.

*Trouxe melhoria sim, é um ganho extra pra família. É uma coisa que é meio parado, mas é o único ganho que o pessoal tem. Eu já fui doméstica em Fortaleza e voltei pra comunidade, fazendo renda, tenho ocupação. Em Fortaleza eu tinha uma almofadas e as vezes eu fazia pra não perder o ritmo.*

Considerado por 16 artesãs como trabalho, acarretando uma representatividade de aproximadamente 63% das rendeiras entrevistadas, observou-se a necessidade diária das mulheres em exercerem a atividade.

Isto é possível se perceber no caso das rendeiras da comunidade Apiques, assim como nos estudos de Lemos (2011), no caso das artesãs no Município de Aquiraz-Ceará, em que o incentivo à produção artesanal constituiu, portanto, uma forma alternativa de estímulo às economias de base local, com enfoque na valorização da cultura local e na geração de emprego e renda para inúmeras famílias, levando em consideração que muitos artesãos encontram no artesanato uma forma de garantir a própria sobrevivência e a manutenção do bem-estar familiar.

Conforme fala de L.F.S, 29 anos, rendeira do Grupo Mulheres em Ação e não assentada, ela nota a melhoria ocorrida na comunidade com a produção da renda de bilro.

*Com certeza por que assim, o que eu vejo é que a maioria das famílias, todas as famílias tem 1 ou 2 rendeiras em casa. E assim hoje que a gente que a questão do emprego hoje são pouco, emprego fixo, né. Ainda não tem uma geração de emprego ainda na comunidade. O que tem ainda de ganho é o bolsa família pra muitas famílias. E a renda eu tenho visto demais por experiência a importância que tem a renda pra família. A renda ajuda demais e é com o preço que a gente tem, né? Um preço que não é valorizado, um preço que não é justo. E se melhorasse esse preço com certeza seria melhor ainda pras famílias. Com as pequenas melhorias dos preços a gente tem visto bastante melhoria.*

Para o ofício produtivo da renda, as mulheres encontram-se rotineiramente acompanhadas de suas almofadas e sentadas em seus alpendres, ou em locais próximos a uma porta ou janela em busca de lugares normalmente iluminados pelo sol. Sentadas ao chão ou em cadeiras, muitas vezes em companhia de vizinhas ou parentes, assistindo à televisão ou

ouvindo o rádio, entrelaçam os fios com os bilros que batem entre si, gerando uma sonoridade harmoniosa e criando forma lentamente (CEARÁ, 2005).

Neste emaranhado cotidiano, as rendeiras entrevistadas trabalham em média aproximadamente seis horas diárias distribuídos em seis dias da semana, mantendo o costume religioso de não desempenhar a atividade nos domingos, dias santos e feriados.

Percebeu-se que a produção da renda está aliada a fatores externos às organizações formadas na comunidade. Não há uma total autonomia produtiva, tendo-se constatado a confecção de peças mediante de encomendas realizadas por atravessadoras, que, algumas vezes, dispõem a quantidade de linhas nas cores necessárias para confeccionar a unidade de peça desejada e posteriormente descontam os gastos com o material no preço pago por vestimenta. Existe, também, a produção vinculada e direcionada ao objetivo futuro de aquisição de um bem ou serviço para as necessidades individuais ou familiares, fato constatado na fala de L.M.S, 33 anos, rendeira individual e não assentada:

*Pra mim, as coisinhas que eu compro é tudo a custo renda. Compro um café, roupa, tudo com dinheiro que ganho da renda.*

#### **4.3.3 A distribuição das peças de renda de bilro**

A distribuição corresponde a um fator extremamente importante e delicado na cadeia produtiva da renda de bilro. Nele o produto finalizado sai da comunidade e segue um percurso de transporte e pessoas até a chegada ao consumidor final.

As peças produzidas na comunidade Apiques são distribuídas historicamente para atravessadores, que são as pessoas articuladoras que mantêm o contato entre as rendeiras e o mercado, atuando como canais de comercialização das peças produzidas. Essas pessoas têm a responsabilidade de efetivar a compra das peças produzidas na comunidade, por estabelecer a negociação e comercialização das peças, estas sendo normalmente levadas à capital, Fortaleza.

Atualmente, na comunidade, existem praticamente duas compradoras de rendas, fator este considerado positivo, tendo em vista ter ocorrido melhoria nos preços propostos por peça, segundo M.E.S, 29 anos, rendeira individual e não assentada, ao se referir às melhorias ocorridas nos últimos anos:

*Porque logo que comecei a fazer renda, a gente ia vender renda lá longe, não era por aqui. Passava muito tempo pra receber o dinheiro, hoje não, a compradeira de renda vai pegar aqui em casa. O preço já melhorou também.*

Apesar dessa realidade, algumas rendeiras da comunidade buscam peças produzidas e repassam em quantidades maiores para as atravessadoras, agindo como intermediárias nas negociações de coleta e venda. Esta forma da distribuição é muito comum quando ocorrem atividades artesanais, caso este também percebido, segundo Carvalho (2006b), com as artesãs de chapéu em palha de carnaúba do Município de Juazeiro do Norte, Ceará, em que atravessadores apanhavam os produtos e realizavam a venda para o mercado.

Há também fatores condicionantes na distribuição das rendas produzidas na comunidade, estando ligadas diretamente ao elemento produção. Acontece o acúmulo de peças produzidas com intuito de formar uma pequena “poupança” de rendas e ampliar o dinheiro recebido.

Em contrapartida a essa realidade histórica de dependência comercial, as artesãs participantes do grupo Mulheres em Ação, impulsionadas pelo apoio dado por esta pesquisa, e da estudante-pesquisadora Diana Mendes Cajado<sup>5</sup>, do Programa Residência Agrária da Universidade Federal do Ceará (UFC), conseguiram romper os limites do Assentamento Maceió e expuseram suas peças em três feiras: a primeira foi o VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, ocorrido entre os dias 12 e 16 de dezembro de 2011, no Centro de Convenções da cidade de Fortaleza; a segunda, no Festival UFC de Cultura, durante o período de 15 a 18 de outubro de 2012, na Reitoria da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza; e a terceira nos Encontros Universitários, no *Campus* do Pici da UFC nos dias 21 a 23 de novembro de 2012 na cidade de Fortaleza, conforme pode ser percebido nas Figuras 10, 11 e 12, representativas dos três momentos.

---

<sup>5</sup> Realiza pesquisa na comunidade Apiques desde o ano de 2009. Desenvolve atualmente, como estudante do Mestrado Acadêmico em Economia Rural (UFC) a pesquisa intitulada: “Da pesca artesanal a agricultura familiar: a multifuncionalidade a partir da pluralidade dos sujeitos. Estudo de caso”.

Figura 10 - Rendeiras no Congresso Brasileiro de Agroecologia 2011



Fonte: acervo Programa Residência Agrária (2011)

Figura 11 – Rendeiras no Festival UFC de Cultura 2012



Fonte: acervo do autor (2012)



Figura 12 – Rendeiras nos Encontros Universitários (UFC) 2012



Fonte: arquivo Programa Residência Agrária (2012)

A participação nas feiras proporcionou contato direto com o mercado de consumidores e admiradores dos trabalhos desenvolvidos pelas artesãs e também o aumento do preço comercializado das peças. Vale salientar, portanto, que as peças trazidas para exposição nas feiras não foram apenas das mulheres que participam do grupo, pois cada mulher interessada da comunidade poderia enviar peças já prontas para serem postas à venda.

#### ***4.3.4 O consumo da renda de bilro***

Conhecer o consumidor final é uma estratégia que completa um ciclo produtivo. Foi possível perceber grandes deficiências no que concerne à compreensão deste elemento, visto que a dependência da comercialização das peças de rendas está diretamente ligada ao atravessador. Algumas ações, contudo, estão sendo proporcionadas de forma a contribuir para a continuidade dessa comercialização direta ao consumidor e de estudo de mercado pelas rendeiras.

Foi identificado na roda de conversa, basicamente, um perfil de consumidor da renda de bilro, que são os turistas.

Conforme pesquisa desenvolvida pelo SEBRAE (2004), os turistas visitam os pontos mais próximos e indicados pelos guias de turismo e hotéis que são: a feira de artesanato da avenida Beira Mar, Mercado Central, Centro de Turismo do Ceará



(EMCETUR), Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, avenida Monsenhor Tabosa e praias de Morro Branco, Canoa Quebrada e Cumbuco.

Alguns aspectos são importantes de salientar em relação ao conhecimento do mercado consumidor: percebeu-se, com a participação nas feiras, a existência de um mercado consumidor local potencialmente positivo. Essas informações até então eram consideradas suposições. As rendeiras não conhecedoras do mercado, por não terem relação alguma com ele, acreditavam que apenas as pessoas de outros estados ou de outros países compravam suas peças.

Durante o período em que estiveram participando das feiras em Fortaleza, as rendeiras desenvolveram um estudo de mercado em dois pontos turísticos da cidade, com vistas a de perceber valores comercializados, disposição das mercadorias e conversas com comerciantes nos pontos vendas.

Segundo estudos do SEBRAE (2004), traçar uma comparação entre os consumidores locais e externos é um tanto delicado, haja vista haver nesses dois públicos situações distintas de comportamento de compra, cada um com estímulos próprios que os levam a procurar e a comprar peças artesanais. Em viagem turística, em qualquer parte do mundo, o turista tem em suas peculiaridades uma tendência a consumir produtos característicos da região. Isso faz com que haja o interesse pelo artesanato local, como forma de levar consigo a memória, a cultura do lugar. Já os compradores locais deixam suas compras para o momento em que for mais oportuno, levando em consideração melhores preços, oportunidades e necessidades. E essas compras estão muitas vezes direcionadas à decoração de suas moradias, sendo mais fácil encontrar em casas de veraneio.

#### **4.4 A influência de atividade criativa desenvolvida na comunidade Apiques**

Nos municípios que desenvolvem a renda de bilro, há uma característica forte, percebendo-se a economia centrada principalmente na agricultura de subsistência, fruticultura e pesca, tendo em sua realidade uma carência na oferta de empregos formais e com baixos níveis de remuneração. Como forma de convivência, grande parte da população feminina dedica-se ao trabalho artesanal, como modo alternativo de ganhos e ocupação, sendo, em alguns casos, a única fonte de renda das famílias (LEMOS, 2011).

Na comunidade Apiques, notou-se a predominância da pesca como atividade mantenedora das necessidades familiares, seguida da agricultura, voltada ao consumo

familiar, e a renda de bilro, como atividade ocupacional e de complementação de renda desempenhada pelas mulheres da comunidade.

Ocorreram diversas mudanças na sociedade, em virtude da busca por visibilidade do trabalho feminino. Entre elas, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a valorização das atividades domésticas, considerando-a trabalho. No meio rural, percebe-se que, com a pluriatividade, têm-se ocupação, possibilidade de alternativa e oportunidade, especialmente para os jovens e as mulheres (CASTILHO e SILVIA; SCHNEIDER, 2010).

Com efeito, observou-se na comunidade uma forte herança histórica no que concerne ao desenvolvimento da atividade não agrária, a renda de bilro. Há uma grande incerteza quanto à origem da renda na região, apesar de algumas suposições de descendência indígenas ou portuguesas serem levantadas pelas artesãs.

Dentro do Assentamento Maceió, a renda é característica forte nas comunidades Apiques e Maceió, fato este observado, pois todas as casas possuem pelo menos uma almofada em sua sala, como afirma a I.M.S, 28 anos, rendeira do Grupo Mulheres em Ação e não assentada:

*Aqui mesmo na comunidade, onde você chega, você vê uma almofada, cada pessoa tem uma almofada. É um trabalho. Porque aqui não tem um trabalho fora a renda.*

Em algumas outras comunidades, existem poucas mulheres desempenhando a atividade. Observou-se que as mulheres participantes deste estudo aprenderam a fazer renda com uma idade média de 16 anos, tendo aprendido com idades entre cinco e 54 anos.

Este aprendizado foi notado com a percepção de que o repasse do ofício é dado com mães, avós, tias, primas ou com pessoas da comunidade. Normalmente, ocorre com a almofada de seus mestres, até o momento em que ganham a própria almofada, que se diferencia em tamanho e quantidade de bilros, conforme a idade da rendeira (criança, jovem ou adulto). A realidade do repasse é considerado um fator estimulante e propulsor da atividade renda de bilro na comunidade, tendo-se observado o desempenho da atividade através de gerações. A ausência de empregos formais ocasionou também uma proliferação da renda de bilro, perfazendo uma riqueza imensurável no contexto cultural e social da localidade.

Importante é salientar a constatação desse forte repasse do ofício de rendeira, quando no primeiro momento da roda de conversa ocorrida no salão da comunidade, conforme Figura 13. Estiveram presentes 17, mulheres contando como aprenderam, quem

ensinou e com que idade obtiveram esse aprendizado. Na ocasião, houve a participação de mulheres adultas, jovens e crianças, constatando-se a presença de três gerações (avó, filhas e netas) relatando suas experiências de rendeiras e enfocando a realidade inter-geracional da atividade.

Figura 13 - Rendeiras em momento de roda de conversa



Fonte: acervo do autor (2012)

Percebeu-se, na dinâmica local, que as crianças aliam o tempo destinado à escola, a brincadeiras nos espaços da comunidade, a atividades domésticas e ainda algumas possuem a almofada para desempenhar o trabalho da renda de bilro, permitindo às mães produzirem em suas almofadas sem a interferência das crianças (Figura 14). Isto é perceptível na fala de M.V.S., 22 anos, membro do Grupo Mulheres em Ação e não assentada.

*Lembro que quando eu era pequena eu ia fazer renda com minhas primas. Largava muitas vezes a almofada pra brincar e outras muitas vezes a almofada era a nossa brincadeira. A primeira almofada quem me deu foi a mãe, era uma almofada pequena, até porque quando a gente é pequena só faz peças pequenas.*

Figura 14 - Rendeira com a filha criança à almofada



Fonte: acervo do autor (2012)

Já as jovens que desempenham a renda de bilro aliam atividades escolares e domésticas, contribuindo, mesmo de forma lenta e não prioritária, com a produção familiar da renda de bilro (FIGURA 15).

Figura 15 - Rendeira com a filha jovem em atividade



Fonte: acervo do autor (2012)

Um elemento é importante ressaltar – a afirmação de que muitas mulheres aprenderam com a observação de pessoas desenvolvendo a atividade e o aprimoramento se dava por intermédio dos familiares. A renda de bilro representa para a comunidade uma tradição, fato este que se podia notar ao se ver crianças com almofadas menores fazendo pequenas peças ou simplesmente fazendo “traças”<sup>6</sup>.

Aliando o repasse da renda de bilro às atividades escolares, existiram as mães, incentivadoras dos estudos dos filhos, conforme fala de N.M.P, 46 anos, produtora individual e membro assentada, que repassa os ensinamentos da atividade renda de bilro e estimula a filha a se empenhar nas tarefas escolares.

*As minhas menina todas faz renda. Fui eu que ensinei a fazer, e elas vendo também aprendero. Teve muita vez que eu saia da almofada e as menina corria pra sentar. E eu brigava, dizia deixa minha almofada aí. As vezes eu digo aqui pras minhas menina, que quando a gente quer saber das coisas, nem precisa ninguém tá em cima ensinando. As pessoa mesmo vai atrás de aprender. A G. (filha) quando pegava e fazia alguma coisa errada, eu dizia G. (filha) não é assim e ela dizia logo, deixa que eu faço. A mais nova eu nem digo nada, ela ainda estuda, eu prefiro ela pegar um livro, é melhor passar num ano que ficar sempre na almofada, mas ela sabe fazer.*

Nesse contexto, Wanderley (2004) distingue a pluriatividade exercida pelos diversos membros da família. Tem-se um estabelecimento familiar pluriativo com base o trabalho externo do chefe, ou seja, o estabelecimento não é capaz de absorver plenamente a sua força de trabalho. Há também, no entanto, a prática laboral pluriativa por outros membros da unidade familiar, sendo é possível perceber pelas de características distintas. Uma delas é a de que o trabalho externo é desenvolvido pelos filhos adultos que ainda moram com os pais, realidade que aponta, provavelmente, para um processo de individualização ou autonomia para constituição de outra família ou para tornar este filho relativamente autônomo do ponto de vista financeiro e a outra em que tenha ocupação e uma renda para contribuição no seio familiar. No caso da mulher, o trabalho externo pode ter duas significações: a primeira consiste no fato de que exercer atividades pluriativas na unidade familiar pode ser o caminho pelo qual a mulher adquire uma capacidade maior de participar dos ganhos da família, contribuindo com o dinheiro que ela mesma ganhou; ou às vezes destinar o que ela ganha para o investimento de alguma maneira na produção ou para realização de pagamentos de dívidas do estabelecimento familiar; a segunda consiste no fato de que o trabalho externo e pluriativo

---

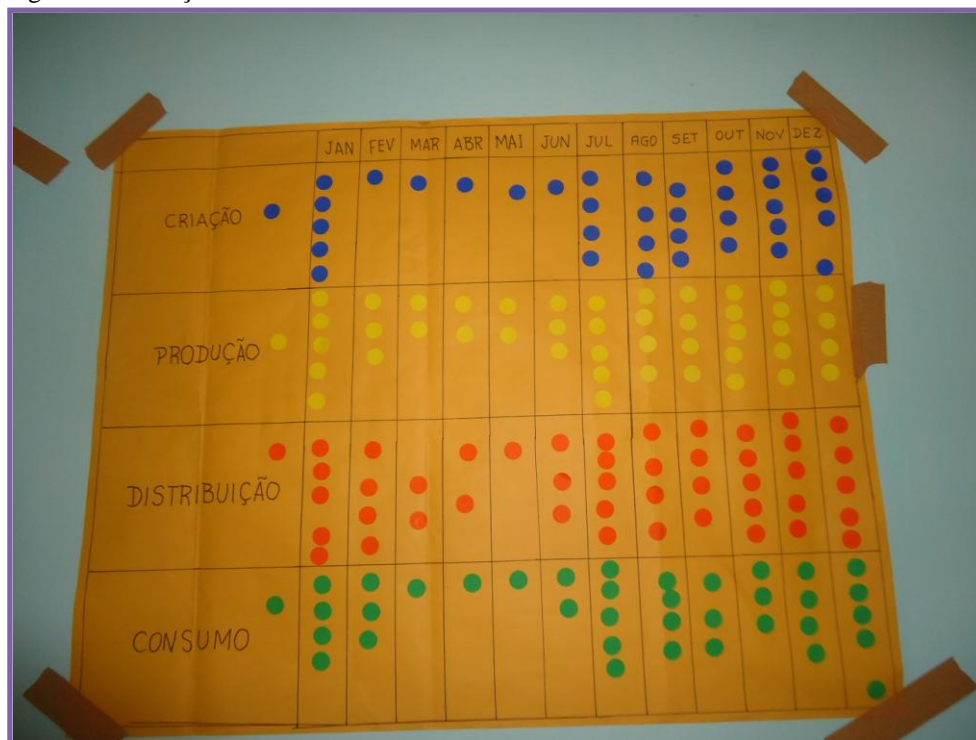
<sup>6</sup> Representa a técnica básica na construção de vários desenhos. A traça é feita por meio do movimento de quatro bilros e apresenta o formato de pétala, para conseguir o desenho das flores (ALMEIDA, MENDES e HELD, 2011)

podem ocasionar para a mulher um distanciamento do seio familiar, semelhante à individualização dos jovens, como se a mulher tivesse uma profissão própria.

Tais realidades estão, em alguns casos, contextualizados nos limites rurais, no que diz respeito a atividades não agrárias. Percebeu-se, no entanto, na comunidade Apiques que a renda de bilro é um elemento agregador no seio familiar. Mesmo que expresse uma pequena parcela financeira de ganhos, há a constante preocupação em transformar a receita com a venda das peças em retorno como contribuição nas tomadas de decisão familiar.

Outro fator capaz de fazer se notar a influência de atividades criativa na comunidade parte da relação com a convivência natural com as condições climáticas. A produção de renda de bilro ocorre durante o ano todo, tendo reduções consideráveis em alguns momentos, como é possível perceber na Figura 16.

Figura 16 - Relação atividade renda de bilro na convivência com o semiárido



Fonte: dados da pesquisa (2012)

A criação de modelos, o surgimento de papelões ou a modificações de peças ocorrem com maior intensidade entre os meses de novembro e janeiro do ano, tempo em que acontece o período de férias, carnaval e festejos de final de ano. Este impulso vem seguido de um crescimento percebido durante os meses de julho e outubro de cada ano. A procura de novos moldes de papelão atualmente está acontecendo também à medida que surge a participação das rendeiras nas feiras, congressos e encontros.



Já a produção dessas peças ocorre com maior intensidade nos meses de janeiro, julho, outubro e novembro. Considerando os períodos de férias e do carnaval, as peças mais produzidas são camisetas, boleros e vestidos coloridos. Na ocasião que antecede as festas de final de ano, produzem-se mais boleros e vestidos com tonalidades mais claras ou totalmente brancas. Esta determinação de cores e peças está normalmente atrelada aos pedidos feitos pelas atravessadoras, conforme fala de rendeira na roda de conversa:

*Na época do carnaval, na véspera do carnaval, a gente também, as vezes, a gente procura mais papelão, que a gente quer fazer, renda de peça diferente e aí nós sabe que no carnaval tem muita procura de peça colorida, principalmente o bolearim, os vestido, em dezembro roupa branca, isso tudo quem diz é as mulher que compra renda da gente.*

Nos meses de agosto, setembro e dezembro, há baixa na produção. É possível perceber, portanto, uma redução produtiva entre os meses de fevereiro e junho, período que concentra a quadra chuvosa no estado do Ceará, pois conforme Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos – FUNCEME, compreende os meses de fevereiro, março, abril e maio. Neste tempo, as mulheres cooperam com atividades agrícolas nas terras familiares, destinando menor tempo para a produção da renda, segundo acentua a rendeira no momento de roda de conversa:

*Nesse período não tem como, a gente sempre ajuda no plantio, no cercado de casa, nós trabalha muito, mas é plantando milho, feijão.*

Outro fator para esta redução durante o período chuvoso é o esfriamento dos bilros, deixando-o com aspecto grudento, conforme fala de rendeira na roda de conversa:

*[...] a gente temos até vontade de fazer renda no inverno, mas os bilro fica tudo grudento, aí é ruim de fazer, mas tem gente aqui que não para o ano todo faz”.*

No que concerne à distribuição das peças produzidas, percebeu-se com maior frequência nos meses de julho e entre outubro a janeiro, período que concentra as férias e o final de ano. Há a percepção de maior procura das peças no período de menores chuvas como, notou uma rendeira na roda de conversa:

*E também assim, a gente vê que no verão que aparece mais modelo porque a renda tem mais saída, no inverno sempre a renda cai.*

Vale ressaltar que algumas rendeiras guardam peças de renda prontas para vender durante esse período de final de ano, para obter uma quantia maior e poderem passar o festejo

do Natal no Município de Canindé, Ceará, como é de costume. Há redução forte na venda de peças entre o período de março e junho, fator este que precisa de uma redução produtiva no mesmo período.

Como ressaltado em anterior discussão, há uma dificuldade em mensurar ou compreender a etapa de consumo da renda de bilro, quando o não contato direto com os consumidores gera uma deficiência na informação. Foi possível, contudo, na roda de conversa, levantar estes dados com suposições a partir da etapa de distribuição. Comprovou-se, então, que o consumo final está ligado a maior concentração nos meses de julho e dezembro, havendo uma redução nos meses de janeiro, agosto e novembro. Nos demais períodos, há uma redução mais significativa no consumo das peças de renda de bilro.

#### 4.5 A realidade econômica da renda de bilro na comunidade Apiques

##### 4.5.1 Determinação da receita e dos custos

A análise de rentabilidade econômica utilizou valores monetários expressos em reais (R\$), tomando por base a referência do mês de agosto de 2012, dados estes contidos na Tabela 4.

Tabela 4 - Receita e custos da renda de bilro

<b>Item</b>	<b>Valor total (R\$/ano)</b>
<b>Receita Bruta (RB)</b>	<b>600,00</b>
<b>Custo Operacional Efetivo (COE)</b>	<b>396,00</b>
Mão de obra	300,00
Insumos	96,00
<b>Custo Operacional Total (COT)</b>	<b>402,00</b>
COE	396,00
Depreciação	6,00
<b>Custo Total da Produção (CTP)</b>	<b>402,42</b>
COT	402,00
Remuneração do capital	0,42

Fonte: dados da pesquisa (2012)



Tem-se a receita bruta (RB) anual adquirida na venda das peças de renda de bilro no valor médio de R\$ 600,00, quando as rendeiras confeccionam, em média, 1,25 peça/mês, dependendo do grau de dificuldade, tamanho e modelo das peças em produção.

A determinação do custo operacional efetivo (COE) levou em consideração os insumos (linhas) empregados e o valor pago à mão de obra para a produção da renda de bilro. Mesmo com produção de peças diferentes a cada mês, constatou-se um gasto médio de R\$ 96,00/ano para a compra de insumos necessários à produção da renda de bilro. Os gastos quantitativamente baixos enfocam a pequena produção efetivada pelas rendeiras da comunidade, fato caracterizado por dois aspectos relevantes: no primeiro, tem-se que, para produzir uma unidade de renda de bilro, leva-se bastante tempo para a conclusão; em segundo, tem-se as múltiplas funções empregadas pelas mulheres que mantêm em seu cotidiano atividades domésticas e na agricultura em períodos que concentram maiores quantidades de chuva. Já para valor estipulado da mão de obra, levou-se em consideração a quantia paga para rendeiras confeccionarem as peças, que é R\$ 25,00. Assim, obteve-se o (COE) correspondente ao valor de R\$ 396,00.

No cálculo do custo operacional total (COT), agregaram-se ao valor obtido do (COE) as despesas com depreciação constatadas nos instrumentos, como almofada e espinhos, adquiridos para confecção das peças. Dados o valor da almofada de R\$ 10,00 que mantém vida útil de cinco anos e a necessidade de dois feixes de espinhos por ano, adquiridos por R\$ 2,00 cada um, encontrou-se como valor da depreciação anual o valor de R\$ 6,00. Com isso, o (COT) anual encontrado foi no valor de R\$ 402,00.

Tem-se na constituição do Custo Total da Produção (CTP) o valor igual a R\$ 402,42 anuais, em que se adiciona ao (COT) o valor da remuneração do capital estável, que é de R\$ 0,42.

Com uma produção média anual de 15 unidades de peças, foi possível encontrar o custo médio anual de produzir renda de bilro, que é de R\$ 26,83 – valor este inferior à receita bruta mensal das artesãs.

#### ***4.5.2 Determinação dos indicadores de rentabilidade***

Na Tabela 5, identificaram-se os indicadores de rentabilidade da produção renda de bilro na comunidade Apiques.

Tabela 5 – Indicadores de rentabilidade da renda de bilro

<b>Item</b>	<b>Valor total (R\$/ano)</b>
<b>Margem Bruta (MB)</b>	<b>204,00</b>
<b>MBP</b>	<b>51,51%</b>
Receita Bruta	600,00
Custo Operacional Efetivo (COE)	396,00
<b>Margem líquida (ML)</b>	<b>198,00</b>
<b>MLP</b>	<b>49,25%</b>
Receita Bruta (RB)	600,00
Custo Operacional Total (COT)	402,00
<b>Índice de Lucratividade</b>	<b>33%</b>
Margem Líquida	198,00
Receita Bruta	600,00
<b>Lucro</b>	<b>197,42</b>

Fonte: dados da pesquisa (2012)

Observou-se que a margem bruta (MB) para a quantidade média produzida de peças de renda de bilro na comunidade é de R\$ 204,00/ano e a margem bruta em relação ao custo operacional efetivo (MBP) é de 51,51%, significando que a receita bruta (RB) é superior ao custo operacional efetivo (COE) e indica que as artesãs, no curto prazo, podem permanecer na atividade, pois, neste caso, a mão de obra da rendeira está sendo remunerada.

Em relação às margens líquidas, tem-se primeiramente a margem líquida ou lucro operacional, que é R\$ 198,00, e tem-se a margem líquida em relação ao Custo Operacional Total (MLP), que é 49,25%. Este indicador significa que a receita bruta (RB) é superior aos custos operacionais totais (COT), sendo possível afirmar que as artesãs podem permanecer na atividade no longo prazo, pois têm os custos inseridos nas etapas produtivas custeados pelos ganhos advindos da venda das peças de renda de bilro.

Com lucro calculado em R\$ 197,58, tem-se um quadro de lucro supernormal, pois a atividade de renda de bilro na comunidade Apiques está remunerando todos os fatores de produção e ainda gera uma sobra de dinheiro que varia com a quantidade de peças produzida.

Partindo desta realidade, tem-se que o valor da receita bruta anual das rendeiras ultrapassa em 32,93% os valores pagos com todas as despesas relacionadas à produção das peças de renda de bilro.

Ao índice de lucratividade da atividade renda de bilro foi de 33%, valores demonstrativos de que a atividade renda de bilro na comunidade é rentável economicamente.

Esta realidade desconsidera os valores inseridos na produção com a compra de linhas do Grupo Mulheres em Ação e a participação das rendeiras nas feiras de artesanato, situação em que tiveram contato direto com o consumidor final.

A partir deste cenário econômico, é possível compreender, pela fala das rendeiras, que a atividade renda de bilro engloba para a comunidade um valor simbólico de ganho cultural e ocupacional para as mulheres, que, sem opções de emprego, dedicam parte do dia para a atividade, conforme afirma R.C.S, 35 anos, rendeira individual e não assentada.

*A renda não dá lucro assim, pra você sobreviver, mas como não tem outro jeito é o jeito de fazer né? É a única função que tem. Num mês eu faço uma renda dessa aí. Se fosse trabalho eu tirava um salário, pode-se dizer. Ai eu pego, R\$ 45,00 - R\$ 55,00. Mas já é uma ajuda. O preço já melhoraro de uns tempo pra cá.*

Já para a rendeira M.N.M.S, 61 anos, rendeira individual e não assentada, é possível perceber a melhoria da comunidade com a renda de bilro, mesmo que as outras atividades desempenhadas sejam as maiores propulsoras desta melhoria. É possível observar, pelo estudo sobre gênero, que a compreensão das desigualdades econômicas, políticas e sociais entre homens e mulheres não são simplesmente produtos de suas diferenças biológicas. Entende-se, a problemática vivenciada por mulheres, em virtude de haver uma definição estabelecida do seu papel das mulheres no acesso à vida política, ao trabalho, ao poder de decisão familiar e às obrigações com a reprodução (SANTOS e BUARQUE, 2006).

*Teve muita melhoria nas casas, hoje tem casas de tijolo, isso se deve também pela renda. Claro que teve conta das outras atividades aqui da comunidade, como a pesca e o cercado, mas também tem ajuda da renda.*

Para F.P.N, 26 anos, rendeira do Grupo Mulheres em Ação, não assentada, a atividade renda de bilro expressa uma contribuição extremamente relevante para as mulheres da comunidade e demonstra o sonho de uma maior valorização da atividade.

*Sinceramente, aqui no Apiques, se não fosse a venda da renda, eu não sei o que seria a vida de muitas mulheres aqui não. Porque a renda não é muita coisa, mas ela ajuda bastante. Eu me visto com o dinheiro da minha renda. Eu e meus filhos. Eu recebo o bolsa família, mas fica pra mercantil daqui de casa. Roupa e calçado eu compro com dinheiro da renda. E não só eu, como muitas pessoas. É uma benção de Deus a renda pra gente. Apesar de não ser valorizada como a gente gostaria que fosse.*

Contra-pondo-se às atividades desempenhadas exclusivamente pelo homem e mantenedoras financeiramente das famílias rurais, é possível perceber pelos estudos de Echeverri e Ribero (2005), as transformações ocorridas nos países da América Latina no que diz respeito à visibilidade da contribuição das mulheres nos territórios rurais, quando se notam o desenvolvimento e o reconhecimento da multiplicidade de papéis que elas desempenham no cotidiano social, econômico e cultural.

## 5 CONCLUSÃO

Conhecer as rendeiras em seu cotidiano, ouvir cada experiência e história enquanto está sentada à almofada no bater dos bilros em constituição de uma nova peça, rir de seus contos, acompanhados costumeiramente de um cafezinho com bolacha, e caminhar nas estradas arenosas em dias de sol, compõem a rica experiência vivenciada e constituem toda a percepção de elementos capazes de inserir neste estudo.

Foi possível observar, com a utilização dos recursos metodológicos disponíveis, a aceitação da hipótese proposta nesta pesquisa, que consiste em ter na produção do artesanato renda de bilro, desenvolvida por mulheres camponesas, relevante representatividade na valorização da cultura local, capaz de promover ocupação e renda para a comunidade Apiques e alternativa estratégica de convivência com o semiárido.

O desempenho do artesanato renda de bilro na comunidade Apiques mantém as características de sua origem, possível de constatar pela ausência de novas tecnologias capazes de contribuir para o desenvolvimento de novos produtos e técnicas.

No cenário atual, em que se acreditava ser uma cultura praticamente extinta, ressurgem no mercado as peças de renda de bilro produzidas, em sua essência e tradição, no envolvimento de mulheres da comunidade, que distribuem em seu tempo diário atividades produtivas e reprodutivas, e as confeccionam de forma lenta e delicada, no sentido de preservar e perpetuar a cultura local do saber-fazer renda de bilro e prover meios que possam contribuir, mesmo que timidamente, para a renda familiar.

Com uma característica intrínseca, a transmissão da atividade através das gerações consagra e demonstra a construção de uma forte e sólida identidade cultural da comunidade. A vontade de aprender a fazer renda nasce quando ainda menina; mesmo que seja como uma forma de brincadeira em uma almofada pequena e com poucos bilros, vai constituindo, ainda que de forma sutil, uma personagem fundamental na cultura cearense.

A produção, como constatado, está diretamente relacionada às variações climáticas locais, havendo maior produtividade nos meses que concentram a quadra seca na região. Centra-se, com isso, uma relevante estratégia de convivência com as condições presentes em ambientes semiáridos.

Tem-se como entraves a comercialização da renda de bilro, dificuldades estas enfrentadas pelas artesãs em realizar vendas externas, caracterizados pela ausência de contato com o mercado, conseqüente da distância dos centros comerciais da Capital. Para distribuição

das peças produzidas, as rendeiras encaminham para atravessadoras, que servem de ponte de negociação e venda para os pontos varejistas. Ocorre atualmente, no entanto, uma transformação nas bases comerciais, quando rendeiras mobilizadas em pesquisas da Universidade passaram a participar de feiras, congressos e encontros, ampliando o contato com consumidores e artesãos inseridos nos eventos, bem como a melhoria nos preços comercializados. Com base nesse panorama, amplia-se para as rendeiras a possibilidade de melhorarem seus ganhos com a venda de peças e consolidam-se novos desafios para a continuidade deste vínculo com as instituições, quando mantêm, atualmente, a participação nos pontos de artesanato do UFC de Cultura e nos Encontros Universitários da Universidade Federal do Ceará.

É importante salientar, contudo, que a forma de organização na produção de renda de bilro na comunidade Apiques, é em sua totalidade, composta de atividade informal, característica esta que dificulta o acesso a crédito para investimento na produção e a abrangência de atendimento nas políticas públicas municipal, estadual e federal de fomento ao estímulo da renda de bilro, pois nunca houvera contato direto das esferas públicas com a comunidade nem em sentido oposto, no que diz respeito à promoção da atividade.

No cerne econômico da renda de bilro na comunidade Apiques, tem-se a caracterização de uma atividade rentável para as mulheres que a exercem, pois significa lucratividade para as rendeiras, mesmo que possua pouca expressividade em valores monetários. Adita-se a esse valor o ganho cultural, promotor de saúde, fortalecedor de laços comunitários e ocupação para as mulheres, que, sem opção de empregos formais, se dedicam à confecção de peças de renda nos espaços da comunidade.

Faz-se necessária a identificação de novos canais para a comercialização do artesanato, com a mobilização das rendeiras em valorizar o trabalho coletivo. É necessária a criação de uma entidade capaz de manter maior volume produtivo e proporcionar a ampliação do poder de negociação. Estas atitudes empreendedoras estão interligadas à necessidade de capacitações específicas em gestão, liderança, técnicas de negociação e estudos mercadológicos.

A inserção de uma organização formal no mercado exige planejamento, adequação de processos, melhoria de produtos para cada parcela específica de consumidor e ações que promovam a essência comercial.

Outro aspecto relevante é perceber na Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER, novas possibilidades de comercialização nos mercados local, regionais e

internacionais, sendo capazes de potencializar a atividade renda de bilro desenvolvida na comunidade Apiques.

É preciso garantir a memória da renda de bilro na comunidade, por meio de registros fotográficos, escritos, catalogação de rendeiras como forma de investimento capaz de potencializar o valor cultural da atividade para localidade.

É possível perceber uma nova base governamental quando se trata de atividades criativas. Atualmente, com uma secretaria específica vinculada ao Ministério da Cultura, a Economia Criativa é difundida nos últimos anos, levando em consideração um novo pensamento econômico das atividades, embasado na riqueza cultural do Brasil.

A Secretaria de Economia Criativa mantém como desafio inicial o levantamento e identificação de localidades, atividades e estudos a respeito do tema com vistas a perceber a potencialidade de expressar maior visibilidade nas manifestações populares e notar a sua potencialidade no contexto cultural, social e econômico. Com efeito, daí é possível surgir uma política cultural que priorize uma ampliação das atividades culturais locais, facilitando o acesso às informações de banco de desenvolvimento, gerenciamento de qualidade, direcionamentos e orientações para elaboração de projetos.

O objetivo deste trabalho foi perceber na renda de bilro, valores sociais, econômicos e culturais valiosos para a comunidade Apiques. Portanto, fica como sugestão para trabalhos futuros a constituição histórica da atividade na localidade, bem como o confronto quanto às relações entre comunidades também produtoras das peças artesanais de renda.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. **Desenvolvimento econômico local e distribuição do progresso técnico**. Fortaleza: BNB, 1998.

ALMEIDA, Ana J. M.; MENDES, F.R.N; HELD, M.S.B. A tradição em fazer renda de bilros: estudo de caso das artesãs da Prainha, Aquiraz – CE. *In: Iara – Revista de moda, cultura e arte*. v.4, n.1, São Paulo, 2011.

BENDASSOLI, P. F.; WOOD Jr, T.; KIRSCHBAUM, C.; PINA E CUNHA, M. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. **Revista de administração de empresas**. Fundação Getúlio Vargas, v.49, n.1, São Paulo, 2009.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos municípios brasileiros: cultura 2006**. Rio de Janeiro : IBGE, 2007.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010a. **Cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso: 20 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Base conceitual do artesanato brasileiro**. Brasília, 2012a. Disponível em <[http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl\\_1347644592.pdf](http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf)> Acesso em: 20dezembro2012.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. **Economia solidária: programas e ações**. Brasília, 2012b. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/apresentacao-4.htm>> Acesso em: 07março2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Integração Nacional - Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional. **Nova delimitação do semiárido brasileiro, 2006**. Disponível em <<http://www.mi.gov.br/desenvolvimentoregional/publicacoes/delimitacao.asp>> Acesso em 28maio2012

\_\_\_\_\_. Ministério da Integração Nacional. **Conviver** Programa de desenvolvimento integrado e sustentável do semiárido. Brasília, 2009. Disponível em <<http://www.mi.gov.br/programasregionais/publicacoes/conviver.asp>> Acesso em: 28maio2012.

\_\_\_\_\_. **Perfil dos municípios brasileiros**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. 472p.

\_\_\_\_\_. **Plano da secretaria da economia criativa** : políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014, Brasília Ministério da Cultura, 2011.

\_\_\_\_\_. Portaria nº 29, de 05 de outubro de 2010c. Dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília 06 out. 2010. Disponível em <<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=06/10/2010&jornal=1&pagina=100&totalArquivos=152>>. Acesso em 03 jan. 2013.



- BUARQUE, Sérgio. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. IICA, Brasília, 1999
- CAMPOS, R. T. Tipologia dos produtores de ovinos e caprinos no Estado do Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.34, n.1, jan-mar. 2003.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2003
- CARVALHO, C.A.V. de. **Análise econômica da revitalização do algodão no Estado do Ceará**. 2000a. 72f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) UFC/CCA/DEA. Fortaleza, 2000.
- CARVALHO, Tânia M. P. **O desafio da cooperação no artesanato : o caso Mãe das Dores**. In : Histórias de sucesso – experiências empreendedoras, SEBRAE/CE, Fortaleza, 2006b.
- CASAROTTO FILHO, N. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local**. São Paulo: Atlas, 1998
- CASTILHO E SILVA, C.B. ; SCHNEIDER, S. **Gênero, trabalho e pluriatividade**. In : Gênero e geração em contextos rurais. Ed. Mulheres, Santa Catarina, 2010
- CEARÁ, Centro de Artesanato do Ceará. **Artesanato do Ceará**. CEART. Fortaleza, 2005.
- \_\_\_\_\_, Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos – FUNCEME. Disponível em <<http://www.funceme.br/index.php/listanoticias/270-quadra-chuvosa-de-2013-previsao-sera-divulgada-em-janeiro>> acesso em 20.12.2012
- \_\_\_\_\_, **Perfil Básico Municipal, Itapipoca**, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE; Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG, Fortaleza, 2009. <[http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil\\_basico/pbm-2009/Itapipoca\\_Br\\_office.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2009/Itapipoca_Br_office.pdf)> acesso em 18 jan. 2012
- \_\_\_\_\_, **Perfil Básico Municipal, Itapipoca**, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE; Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG, Fortaleza, 2011. <[http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil\\_basico/pbm-2011/Itapipoca.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2011/Itapipoca.pdf)> acesso em 18 out. 2012
- CETRA. **Plano de desenvolvimento integrado e sustentável do Assentamento Maceió**, Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador – CETRA, 2000
- COSTA, Aline C. **O artesanato e turismo em Itabuna (Bahia): dois estudos de caso à luz da Economia Criativa**. 2008. 275p. Dissertação (Mestrado em Cultura & Turismo), Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia.
- DEHEINZELIN, L. 2006. **Economia criativa: uma tímida tentativa de definição (parte 1)**. Disponível em <<http://www.culturaemercado.com.br/pontos-de-vista/economia-criativa-uma-timida-tentativa-de-definicao-parte-1/>> acesso em: 15 nov. 2011

ECHEVERRI, Rafael. RIBERO, Maria P. **Ruralidade, territorialidade e desenvolvimento sustentável**. Brasília, IICA, 2005.

FILGUEIRAS, Araguacy P.A. 2005.126. **Aspectos socioeconômicos do artesanato em comunidades rurais no Ceará**: o bordado de Itapajé – CE. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2005

FREITAS, D. G. F.; OLIVEIRA, J. J. N. de; KHAN, A. S.; SILVA, L. M. R. **Rentabilidade e competitividade da apicultura no estado do Ceará**. In: XLIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 2005, Ribeirão Preto-SP. Anais. Instituições, Eficiência, Gestão e Contratos no Sistema Agroindustrial. SOBER, 2005. v. 1. p. 1-12.

FULLER, A. **From part-time to pluriactivity**: a decade of change in rural europe. Journal of Rural Studies, Great Britain 6(4): 1990, p.361-373.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa científica**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados / Eva maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. – 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

LEMOS, MARIA E.S. 2011. 110. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda**. Subsídios para avaliação do programa estadual de desenvolvimento do artesanato no município de Aquiraz - CE, Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2011.

LOPES, M. A.; CARVALHO, F. de M. **Custo de produção do gado de corte**. Lavras: UFLA, 2002. 47 p. (Boletim agropecuário, 47).

MARAFON, G. J. **Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural**: reflexões a partir do território fluminense. Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, v.1, n.1, Uberlândia, 2006.

MARTIN, N. B.; SERRA, R.; OLIVEIRA, M. D. M.; ANGELO, J. A.; OKAWA, H. Sistema integrado de custos agropecuários - CUSTAGRI. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 7-28, jan. 1998.

MATSUNAGA, M. et al. **Metodologia de custo de produção utilizada pelo IEA**. Agricultura em São Paulo, v. 13, n. 1, p. 123-39, 1976.

MAYNARD, Alceu. **Folclore nacional** – ritos, sabenças, linguagens, artes e técnicas. Melhoramentos. São Paulo, 1967.

MELO, H.P ; CAPPELLIN, P. ; CASTRO, E.G. **Agricultura familiar nos assentamentos rurais** : nas relações entre as mulheres e homens. O caso do pontal de Parapanema In : Mulheres na reforma agrária a experiência recente no Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília, 2008.

NÓBREGA, Christus. **Renda de renascença: uma memória de ofício paraibana.** João Pessoa. SEBRAE/PB, 2005.

NOGUEIRA, Magda A.; VALE, S.M.L.R.; ANDRADE, W.S.P. **Análise econômica da produção de leite de pequenos produtores da região de Viçosa.** In: Anais 39º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural – SOBER, Recife, 2001.

PEREIRA, JOSÉ. C.C., **Artesanato** – definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho; o programa nacional do desenvolvimento do artesanato. Brasília, Mtb, 1979.

PINHO, Maria Sonia Madureira de. **Produtos artesanais e mercado turístico.** In: MURTHA, S.M.; ALBANO, C. (Org). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG; Território Brasilis, 2002. p. 169-180.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura.** São Paulo: Manole, 2007

SANTOS, G.; BUARQUE, C. **O que é gênero?** In: Caderno gênero e trabalho, Bahia, 2006

SANTOS, E. T. **Exportações de artesanato do Ceará no período de 2004 a 2006: desafios e oportunidades.** Dissertação 2007. 107p. (Mestrado em Administração de Empresas) Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007.

SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: editora Universidade/UFRGS, 1999, 205p.

\_\_\_\_\_, Sérgio. **A pluriatividade na agricultura familiar brasileira.** Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_, Sérgio; CONTERATO, M.A.; KOPPE, L.R.; SILVA, C.C.. **A diversidade da agricultura familiar.** Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2006.

SEBRAE, **Pesquisa da demanda de artesanato em Fortaleza.** Relatório qualitativo. São Paulo, SEBRAE, 2004.

SILVA, R.M.A. **Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com semiárido.** Sociedade e Estado, v.18, n.1/2, p. 361-385, Brasília, 2003

SOARES, J.L.J.; CAJADO, D.M.; MADEIRA, S.A. Economia criativa: um olhar sobre a coletividade na produção do artesanato renda de bilro. In: **Anais VI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural – SOBER NORDESTE,** Petrolina, 2011.

UNCTAD. **Creative economy report 2008.** Disponível em: <[www.unctad.org/en/docs/ditc20082cer\\_en.pdf](http://www.unctad.org/en/docs/ditc20082cer_en.pdf)>. Acesso em: 25 ago.2012

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 8.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

WANDERLEY, Maria de Nazaré, B.; **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**, 2004. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/art/200310-042-061.pdf>>. Acesso em: 26.11.12.

ZANELLA, Andréa V.; BALBINOT, G.; PEREIRA, R.S. **Re-criar a (na) renda de bilro: analisando a nova trama tecida**. *In: Psicologia: reflexão e crítica*. UFRGS, Porto Alegre, 2000.

## APÊNDICE A: FOTOGRAFIAS

### Experiências de campo



FONTE: acervo do autor (2012)



**Experiências de campo (continuação)**

FONTE: acervo do autor (2012)



### Experiências de campo (conclusão)



FONTE: acervo do autor (2012)



**APÊNDICE B: FOTOGRAFIAS****Peças produzidas**

FONTE: acervo do autor (2012)



## APÊNDICE C: FOTOGRAFIAS

### Participação das rendeiras em feiras, encontros e exposições



FONTE: acervo do autor (2012)

## APÊNDICE D – VERSOS DO CAMPO

Composição feita no dia 04 de agosto de 2012, por Diana Mendes Cajado e João Luis Josino Soares, durante estadia na comunidade Apiques, em momento de vivência no campo, mediante ao cansaço, saudade de casa e a grande satisfação de cada experiência compartilhada e aprendida.

Ontem acordamos cedo pra viajar

Numa ruma de dia sem descansar

Trabalhamos sol a sol sem sombra pra parar

Pedindo um copo d'água pra sede enganar

Chegamos derradeiro de julho e agosto já estamos

Tantas coisas vimos e também compartilhamos

E nesse cotidiano ainda nos perguntamos

De que afutura a pesquisa que estamos realizando?

Catorze dias se passaram como um tanto aperreado

Logo estaremos em casa sistematizando o pesquisado

Com saudade pensaremos em tudo que vivemos

Nas prosas, tapioca e peixe assado que comemos

**APÊNDICE E – BANNER E CARTÃO VISITA CONFECCIONADO PARA FEIRAS**

## GRUPO MULHERES EM AÇÃO

### Comunidade Apiques, Assentamento Maceió Itapipoca-CE



- ✓ Tiaras
- ✓ Boleros
- ✓ Camisetas
- ✓ Vestidos
- ✓ Caminho de mesa

**Contato: (88) 9950-1695**  
**e-mail: [gmulheresemacao@hotmail.com](mailto:gmulheresemacao@hotmail.com)**

FONTE: acervo do autor (2012)

**APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE), APRESENTADO ÀS ARTESÃS DE RENDA DE BILRO, COMUNIDADE APIQUES, ASSENTAMENTO MACEIÓ, ITAPIPOCA/CE.**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Nome do Projeto:** *Economia Criativa como estratégia de convivência com o semiárido cearense: o caso do artesanato renda de bilro.*

**Orientadora:** Dra. Maria Irles de Oliveira Mayorga

**Pesquisador:** João Luis Josino Soares

**Instituição:** Universidade Federal do Ceará, Departamento de Economia Agrícola, Campus do Pici, bloco 828, Fortaleza-CE. Fone: (85) 3366-9716

O estudo ao qual você está sendo convidado(a) a participar trata do conhecimento que você tem sobre a produção do artesanato renda de bilro, compreendendo aspectos culturais e econômicos da atividade e não visa nenhum benefício econômico para os pesquisadores ou qualquer outra pessoa ou instituição. Esta pesquisa é coordenada por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Economia Rural (MAER) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Ela emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, bem como observações diretas sobre as suas atividades, sem riscos de causar prejuízo físico a você ou a qualquer outra pessoa. Se você concordar em participar desta pesquisa, será convidado(a) a fornecer informações sobre atividade artesanal de renda de bilro. Nestas ocasiões, quando necessário, serão também feitos registros fotográficos para ilustrar a pesquisa. Ao término deste projeto, as informações sobre seus resultados serão repassadas para sua comunidade. Vale ressaltar, que você tem total liberdade para se retirar do estudo a qualquer momento. Caso você concorde em participar, assine, por favor, o seu nome abaixo, indicando que leu e compreendeu a natureza da pesquisa e que todas as suas dúvidas foram esclarecidas.

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do participante ou impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

Testemunha \_\_\_\_\_

**APÊNDICE G – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS, APRESENTADO ÀS ARTESÃS DE RENDA DE BILRO, COMUNIDADE APIQUES, ASSENTAMENTO MACEIÓ, ITAPIPOCA/CE**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, o pesquisador **João Luis Josino Soares**, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Economia Rural da Universidade Federal do Ceará, responsável pelo projeto de pesquisa intitulado *Economia Criativa como estratégia de convivência com o semiárido cearense: o caso do artesanato renda de bilro*, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor do pesquisador da pesquisa, acima especificado, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante (ou responsável) ou impressão dactiloscópica



Grau de parentesco do responsável legal (caso necessário) \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável \_\_\_\_\_